Carmen Célia Barradas Correia

O TRABALHO DO PROFESSOR LEIGO NO SEMI-ARIDO DO PIAUÍ

Unicamp - Faculdade de Educacao
Campinas - 1989

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do título de MESTRE EM EDUCAÇÃO (Psicologia Educacional), à Comissão Julgadora da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação da Profa. Dra. Maria Ines Fini.

CAMPINAS -1989

Carmen Célia Barradas Correia

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por CARMEM CÉLIA BARRADAS CORREIA e aprovada pela Comissão Julgadora em

Data: 13/3/89

Assinatura: _____

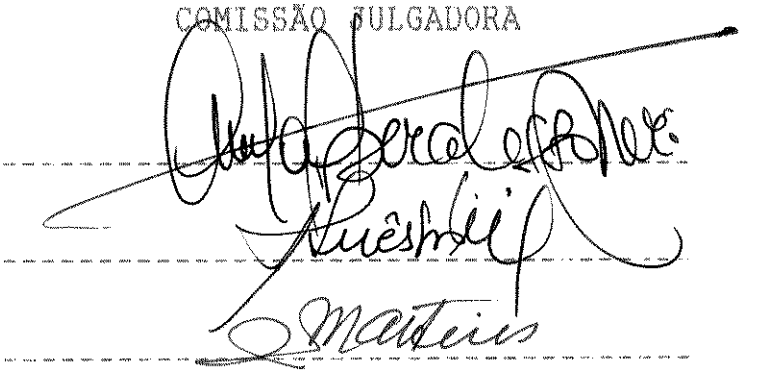
O TRABALHO DO PROFESSOR LEIGO NO SEMI-ARIDO DO PIAUÍ

UNICAMP

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1989

COMISSÃO JULGADORA



INDICE

Agradecimentos

Resumo

Summary

CAPITULO I

1.1 Apresentação.....01

1.2 O Enfoque do Fenômeno a Ser Estudado.....09

1.3 Como o Fenômeno Tem Sido Focalizado.....12

CAPITULO II - **METODOLOGIA**-

2.1 Pesquisa Qualitativa: análise do fenômeno situado.....19

2.2 Procedimento para análise dos dados.....22

2.2.1 O sentido do todo 22

2.2.2 Análise Ideográfica.....23

2.2.3 Análise Nomotética.....24

CAPITULO III -**A PESQUISA PROPRIAMENTE DITA**

3.1 O Fenômeno Situado: O Município de Oeiras

O Mundo-Vida dos Sujeitos.....27

3.2 O Sujeito: O Professor Leigo 33

3.3 O Trabalho Docente na Perspectiva do Professor Leigo:

As Descrições.....35

3.4 A Análise Ideográfica.....51

3.5 A Análise Nomotética.....76

3.6 A Análise do Fenômeno Situado: Síntese conclusiva...96

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....99

BIBLIOGRAFIA.....103

ANEXOS:

1. Mapa do Piauí localizando Oeiras.....107

2. Mapa do Município de Oeiras.....108

3. Lista das Escolas Visitadas.....109

AO PROF. DR. JOEL MARTINS,

PELA ESPECIAL ATENÇÃO E INDISPENSÁVEL ORIENTAÇÃO, SEM A QUAL NADA DISSO TERIA SIDO POSSÍVEL.

AGRADECIMENTOS

- A Profa. Maria Inês Fini pela valiosa colaboração e orientação em todo meu percurso no mestrado;

- Ao Prof. Carlos França, amigo e irmão que muito me ajudou nessa etapa da vida;

- Aos meus pais e irmãos que souberam compreender minha ausência;

- Aos amigos que carinhosamente estiveram ao meu lado nessa jornada, em especial à Clarinha que sempre foi muito amiga, desde que nos conhecemos;

- Aos funcionários da Faculdade de Educação da UNICAMP, pelo apoio;

- Aos professores leigos de Oeiras pela essencial participação nesse trabalho.

Ao Cláudio, com meu maior carinho!

RESUMO

O trabalho do professor leigo no Semi-Árido do Piauí -- Município de Oeiras- mostrou-se com as características específicas de sua situcionalidade:

O trabalho docente para eles é um dos únicos meios de sobrevivência, além do trabalho agrícola e até mesmo como exercício de um ideal. O trabalho é realizado em precaríssimas condições de ambiente físico, material e pedagógico.

O Órgão Municipal de Educação desempenha um papel significativo na estrutura do trabalho docente dos leigos, mas não é devidamente explorado. Poderá transformar-se num instrumento pedagógico de apoio a melhoria do ensino leigo no Semi-Árido do Piauí.

SUMMARY

The work developed by non qualified teachers in Piaui's semi-arid region - Oeiras Municipality - presents its own specific characteristics.

The lecturing work is one of the only means of survival in addition to agricutural work. For some of them, it is also consider as the achievement of an ideal.

The work is realized in bad conditions, not only in terms of material resources but also the pedagogic environment.

The "Educacional Municipal Office" acts as an important support for the development of the lecturing work realized by the non qualified teacher, but is not full exploited. It can be turned into an important pedagogic tool to support the improvement of non qualified teaching quality in the Piaui's semi-arid region.

CAPÍTULO I

1. APRESENTAÇÃO

O estado educacional da população brasileira é preocupante: mais da metade dessa população mal sabe ler e escrever, não conseguiu concluir o primeiro grau ou não passou do primeiro ano do segundo grau. De acordo com informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (1) a década de 80 entrou com 18.716.847 analfabetos e 54.793.268 pessoas que sabiam apenas o elementar que é ler e escrever.

Informações mais recentes nos mostram números altos de analfabetismo no nordeste brasileiro. Segundo estatística do MEC de 1988, existem 8.285.741 analfabetos na população de 15 anos ou mais que ainda permanecem à margem da cultura letrada. Isto representa mais de 20% da população nordestina. (2).

Aos altos índices de repetência e evasão que ocorrem há muito na primeira série da escola brasileira nos últimos anos temos visto aumentar o pico de evasão na quinta série, motivado principalmente pela necessidade do aluno de ingresso prematuro no mundo do trabalho.

Fatores como a fragmentação do currículo; o aumento de vagas à custa de desdobramento dos períodos; a deterioração da

---

(1) Anuário Estatítisco do Brasil. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro.IBGE.1981.
(2) MEC - Serviço de Estatística da Educação e Cultura. Brasília. 1988.

rede física e o aviltamento, tanto do salário quanto das condições de trabalho do magistério, ganham destaque nesta lastimável situação em que se encontra o ensino de primeiro e segundo graus do país.

A natureza seletiva da educação brasileira tem seu principal destaque no carater elitista do ensino superior. Ingressar na Universidade tem sido uma tentativa frustrada para a maioria dos jovens brasileiros.

Paralelamente observamos ainda a situação daqueles que foram retidos no primeiro ou segundo graus e tentam adquirir o diploma de nível médio através do programa criado pelo governo, que vem legitimar oficialmente toda essa deficiência: o Ensino Supletivo que como o próprio nome sugere, tenta suplementar o saber que deveria ter sido adquirido no processo normal de formação escolar, se fossem dadas condições favoráveis à educação.

Dentro deste quadro maior a questão da educação rural é ainda mais crítica. Nesta, o índice de analfabetismo é quase quatro vezes maior que o índice das zonas urbanas e evidencia o quanto é difícil o acesso da população rural à educação formal.

Historicamente a educação rural é situada a partir do fim do II Império e se implantou na primeira metade deste século. De acordo com Calazans (3), com o fim da escravidão, a expansão

---

(3) CALAZANS, M. J. et alli. Questões e Contradições da Educação Rural no Brasil. In Educação Rural no Terceiro Mundo. Org. J. Werthein e J. Bordenave. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1981, p. 161 - 192.

da monocultura do café, bem como o desenvolvimento crescente de outras culturas secundárias, mas de alguma forma importante para a economia primária, o ensino agrícola impôs-se aos poucos como meio necessário para qualificar mão de obra e suprir a carência de pessoal mais especializado para o setor.

A expansão do ensino básico no Brasil se fez muito lentamente atingindo uma pequena minoria e teve um caráter extremamente elitista.

Os diversos movimentos para alfabetização que ocorreram nas décadas do 30, 40, 50 e 60 e que tiveram como meta a participação da população no processo eleitoral, mostram que a escola básica, no Brasil, não cumpriu sua tarefa no que diz respeito à permanência da criança na escola e na obtenção da escolaridade. O que mostra o fenômeno educacional até hoje é que, nos meios rurais e nos estratos menos privilegiados, a população tem pouca probabilidade de atingir a alfabetização funcional ou a escolaridade completa que permitiriam a inserção dos indivíduos no processo produtivo.

O movimento que pretendia contribuir para a erradicação do analfabetismo no Brasil, incentivado por Paulo Freire, em 1963 principalmente no nordeste com o **MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR** (MCP), foi um marco histórico nessa velha questão. Foi uma tentativa de elevar o número de pessoas que alcançassem o mínimo nível do saber que é: ler e escrever.

Este processo foi interrompido por motivos políticos em 1964. Em seguida, o governo militar, mostrando-se preocupado com o grande índice de analfabetismo, criou o **MOBRAL** - Movimento Brasileiro de Alfabetização - com o objetivo de alfabetizar em

massa as populações tanto das periferias urbanas como do meio rural. Não é necessário entrar em detalhes para dizer que foi uma tentativa altamente frustrada, por ter sido uma proposta com ênfase no aspecto político da questão, em detrimento do aspecto técnico (o método para alfabetizar) que não existia, trazendo como consequência um grande descrédito da instituição, hoje desativada.

Na tentativa de superar o fracasso do projeto educacional proposto pelo MOBRAL, o governo brasileiro criou, a **FUNDAÇÃO EDUCAR** com o Decreto número 91.980 de 25 de novembro de 1985 para atuar exclusivamente na área de alfabetização e educação básica de jovens e adultos a partir de 15 anos.

A Fundação Educar teria a partir de então, duas linhas básicas de atuação:

1- "Administração Indireta que consiste no apoio técnico e financeiro a instituições governamentais - Secretarias Estaduais e Municipais de Educação - e entidades da Sociedade Civil - igrejas, sindicatos, associações, etc. - que tenham projetos próprios para alfabetização e educação básica de jovens e adultos;

2- Administração Direta, ou seja, execução da proposta educativa da Fundação em áreas que ainda não possuam condições para desenvolver um programa próprio de alfabetização e educação de jovens e adultos" (4).

---

(4) Informe EDUCAR da Presidência de 29 de janeiro de 1986.

Desde 1930, embora o advento do processo de industrialização tenha promovido a expansão do ensino, o meio rural continua desprovido de propostas educacionais que venham suprir suas necessidades. A população é sub-alimentada, exposta a graves endemias e com um nível mínimo de renda, sem qualquer amparo da política social.

Hoje, o problema do analfabetismo na zona rural, toma outras proporções com a crescente penetração da industrialização na agricultura.

O homem rural que não sabe ler e quer modernizar seu trabalho agrícola, substituindo seus antigos instrumentos de trabalho por máquinas, encontra obstáculos com o analfabetismo até mesmo para melhor utilizar-se da tecnologia, pela dificuldade em manusear tais instrumentos por não contar com as informações contidas nos manuais do usuário, que supõe seja, uma pessoa alfabetizada.

O uso de defensivos agrícolas nas lavouras torna-se cada vez mais presente e o manuseio incorreto desses produtos químicos, pela falta de leitura sobre os cuidados e precauções contidas nas embalagens, poderá não só prejudicar o homem do campo em sua saúde como causar danos ao nosso meio ambiente.

A educação no meio rural mostra-se tão dramática e vem, de certa forma, sendo um grande desafio para quem pretende trabalhá-la na tentativa de melhor conhecer essa realidade. Quer situando-a historicamente ou percebendo-a como se mostra hoje, vemos que pouca coisa mudou na prática da transmissão do saber no meio rural, desde o surgimento das primeiras escolas, até as que, atualmente, lutam para que, essa educação continue a existir

nesse ambiente.

Quando se aborda a questão da educação rural, é necessário ainda reportar-se a dois aspectos que a nosso ver merecem destaque especial. Um deles refere-se à proposta educacional em si, que em nada difere da proposta elaborada para as escolas urbanas. Desconhece-se a especificidade da vida na zona rural desde a elaboração do calendário que não respeita a época de plantação e colheita, até a seleção de conteúdos em linguagens e temáticas totalmente desvinculadas do cotidiano dos alunos.

O outro diz respeito a desvalorização da profissão de magistério pelo rebaixamento das condições de trabalho, desde os recursos materiais das escolas que vem se deteriorando nos últimos anos, até o aviltamento de salários que também reflete o descaso das autoridades públicas pela educação. A própria formação de recursos humanos para a educação vem sendo alvo de amplos debates nacionais intensificados nos últimos dez anos em seminários, simpósios, num movimento que tenta aprofundar a inquietação e a insatisfação com o que a profissão de magistério vem sendo exercida nos últimos anos.

A freqüência de professores leigos, especificamente nas zonas rurais, confere a essa categoria profissional uma característica estranha de atividade, que pode ser exercida de forma aleatória, sem preocupação com resultados das ações praticadas.

É preciso discutir profundamente essa questão do professor leigo, sem esquecer os aspectos inseparáveis dessa

situação, pois o desempenho docente sempre exige como requisito mínimo seu instrumento de trabalho: o conhecimento.

De maneira geral, o que se mostra o quadro da educação rural no nordeste brasileiro, melhor contextualizado no nosso estudo, é que o professor leigo, responsável na maioria dos povoados, pelo atual estado em que se encontra a educação que eles praticam e da qual são produtos, muito se esforça para transmitir um saber que vai pouco além do ensino elementar quo é ler, escrever e contar.

As condições de trabalho desses professores são bastante desfavoráveis: a maioria das classes são multisseriadas; muitas escolas ainda funcionam na casa do professor; são muitos os alunos repetentes; o salário do professor geralmente situa-se faixa de 20% do salário mínimo; a distribuição tanto da merenda quanto do material escolar é precária. A população rural é, em geral, rarefeita, sendo consequentemente grande a distância que alunos e professores percorrem a pé, para chegar até a escola.

Em relação à qualidade do ensino no meio rural, torna-se impossível precisar dados de produtividade pela ausência de metodologias científicas de acompanhamento, avaliação e pesquisa, tanto do processo educativo como dos seus resultados. Apesar disso, sabe-se da reprodução dos mesmos fenômenos de seletividade, evasão e repetência que caracterizam a escola no meio urbano.

Apesar de toda dificuldade, de todas as deficiências conhecidas em relação à prática escolar no meio rural, a escola continua a ocupar um lugar necessário na vida das pessoas. Lá

não se questiona a importância da escola, lamenta-se sua ausência na vida das crianças.

1.2.O ENFOQUE DO FENÔMENO A SER ESTUDADO

O propósito do nosso estudo é conhecer o professor leigo e seu trabalho na zona rural da região semi-árida piauiense.

Esse estudo está inserido numa pesquisa, ora executada pela Universidade Federal do Piauí,intitulada "Educação Rural na Região Semi-árida Piauiense" e que envolve o Centro de Ciências da Educação, Centro de Ciências da Natureza e o Centro de Ciências Humanas e Letras. Esse Projeto de Pesquisa da Universidade Federal do Piauí é uma tentativa de ampliar a compreensão a respeito da região semi-árida piauiense particularmente no que diz respeito à educação escolar na zona rural.

Para tanto, tal Projeto preocupa-se em mostrar,por um lado, como se dá a evolução da sociedade em questão e, por outro, as semelhanças e diferenças entre essa região e aquelas que lhe são contíguas no nordeste. Trata-se de estudar a história da sociedade rural do semi-árido piauiense e comparar as diferentes formas de organização social que ali ocorrem, comparação essa efetuada a partir de evidências empíricas coletadas nos municípios que compõem a referida região.

Um dos eixos do Projeto é a percepção do um processo, de um conjunto de transformações, envolvendo a ecologia, economia e sociedades rurais, associado à existência das diversidades dentro daquilo que é chamado semi-árido. A preocupação da Universidade do Piauí é compreender o que ocorre numa ampla região que engloba

cerca de 80% do território e população do Estado.

Além de reconhecer a diversidade e o dinamismo do objeto de estudo, a equipe pesquisadora também reconhece que é indispensável perceber as articulações entre a economia e a política locais para tentar descrever seus reflexos nas práticas sociais, especialmente nas práticas pedagógicas, a fim de esclarecer o significado dessas práticas explicitadas nas relações de poder entre os grupos sociais presentes na região. Além do diagnóstico a respeito do estado educacional da população rural do semi-árido, referenciado na história da ocupação econômica da região e nos conflitos resultantes, é objetivo do Projeto contribuir no esforço teórico de inserção destes grupos na sociedade nacional, esclarecendo suas mútuas relações e tendências de desenvolvimento.

Na busca desses objetivos, a Universidade do Piauí, espera conseguir como subprodutos, a explicitação dos comportamentos de resistências à inovação e aceitação de mudanças, bem como a identificação de conteúdos e procedimentos que permitam a elaboração de material instrucional adequado à região em estudo.

Em função deste trabalho, a equipe de pesquisadores da Universidade está coletando todo um conjunto de informações a respeito das condições físicas, históricas, demográficas, políticas, educacionais e de saúde.

Reconhecendo a validade e importância de se pesquisar para conhecer a realidade da região semi-árida; sua gente, seus problemas, foi que nos propusemos a participar desse estudo,com a intenção de conhecer o professor leigo que atua nas escolas

rurais da região. De acordo com estudos realizados pelas Universidades do Nordeste sobre o semi-árido, torna-se evidente a necessidade de propostas educacionais viáveis e condizentes para aquela realidade. A necessidade de conhecer o professor leigo dá-se também em função de compreender sua prática pedagógica, fornecendo subsídios que venham contribuir para o processo de melhor atuação desse profissional, de acordo com uma visão mais condizente da realidade que ele vive.

Conforme Albuquerque (5),já se evidenciou que na região semi-árida há uma unidade estrutural que:

> "...aponta para algumas especificidades ecológicas e econômicas da região e leva-nos a supor que essas especificidades remetem a peculiaridades culturais, linguísticas, de organizações do conhecimento e práticas sociais que tornam problemáticas o sucesso de propostas educacionais pensadas com vistas a uma população escolar brasileira genérica".

Dentro desse quadro de referências é que desenvolvemos nosso projeto de pesquisa com a intenção de conhecer o professor leigo e o seu trabalho.

O problema proposto se expressa nos seguintes termos:

QUEM É O PROFESSOR LEIGO E COMO É O SEU TRABALHO?

---

(5)ALBUQUERQUE L. B. As Comunidades Rurais e a Trasmissão do Saber. Texto Datilografado. Teresina, 1985.

1.3.COMO O FENÔMENO TEM SIDO ENFOCADO

Consultando a bibliografia disponível tendo como fontes principalmente as bibliotecas da Faculdade de Educação da UNICAMP, USP, PUC - SP, verificamos que os estudos especificamente referentes à compreensão do professor leigo e do seu trabalho são muito escassos.

Alguns trabalhos teóricos e pesquisas já realizadas no campo da educação rural, como um todo, apontam para a relevância deste estudo e até mesmo influiram diretamente em nossas reflexões:

Destacamos os seguintes:

MALASSIS (6), ao fazer projeções a partir de dados demográficos sobre a evolução da população mundial,nos afirma que:

> "Nos países menos desenvolvidos o problema da educação nos próximos anos será fundamentalmente um problema rural.(...)A escola rural atenderá sempre a maioria da população total".

RICHARDSON (7), em seu artigo, escreve sobre a pobreza rural no Brasil e afirma:

> "A situação educacional das zonas rurais é grave, com percentual de analfabetismo de aproximadamente 76% (censo de 1978) e mais de 50% das crianças deixam o sistema entre a 1a. e a 2a. série".

---

(6) MALASSIS, 1. Ruralidad, Educación y Desarrollo.Buenos Aires, Huemul, UNESCO,1975.

(7) RICHARDSON, R. Probreza Rural, Desenvolvimento e Educação. In Cad. de Educação. João Pessoa, n 06, agosto, 1981,p.27 a 43

SARAIVA (8), na fala de abertura do Seminário sobre Educação Rural, comenta que a escola típica nesse país, é a escola rural, de uma sala só, com professor leigo. Afirma ainda que não tem dúvidas de que a educação rural precisa assumir um papel importante nas preocupações do MEC.

PETTY, TOMBIM e VERA (9) fazem uma análise da educação rural na América Latina, experiências que estão voltadas às novas pespectivas e a busca de alternativas para a educação rural. Constatam que a maioria da população rural não dispõe da mínima educação que lhe permita uma melhora na qualidade de vida.

CALAZANS, CASTRO e SILVA (10), no estudo retrospectivo sobre educação rural no Brasil, nos afirmam que:

> "A educação rural, em primeiro lugar, apesar dos numerosos programas, projetos, etc, desenvolvidos, sempre representou uma fatia muito pequena e mesmo marginal nas preocupações do setor público; em segundo lugar, os resultados obtidos parecem revelar mais "desfecho" do processo de desenvolvimento das diversas comunidades do que uma ação verdadeiramente transformadora, e, finalmente, em terceiro lugar, uma função "legitimadora" da presença dos agentes neste contexto, seja como forma de encobrir ou desviar as atenções sobre seu papel real".

BORDENAVE, (11) no livro sobre a comunicação rural, comenta que uma característica das áres rurais, é a "incomunicação"

---

(8) SARAIVA, H. V. Anais do Seminário sobre Educação no Meio Rural. Ijuí (RS), julho, 1982, Brasília, INEP,1983.

(9)PETTY,M. TOMBIM,A. e VERA,R. Uma alernativa de educação rural. In Educação Rural no Terceiro Mundo. Org. Werthein,J. e Bordenave,J. Rio de Janeiro, Paz e Terra,1981,p. 31-63.

(10)CALAZANS,M. CASTRO, L. SILVA, H. Questões e contradições da educação rual. In Educação Rural no Terceiro Mundo. Org. Werthein e Bordenave. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

(11)BORDENAVE, J. O que é educação rural. São Paulo, Brasiliense, 1983.

socialmente determinada pelo analfabetismo e o baixo nível de instrução.

LOPES, (12) no estudo que a autora fez sobre a organização familiar rural em Minas Gerais,afirma que a fase da adolescência não existe para as crianças rurais,que passam da fase da infância para a idade adulta. Com relação à escola, a autora comenta que esta transmite os saberes referentes às relações presentes na sociedade urbana, saberes esses que negam a própria sociedade rural e que a família é o agente educativo mais importante para o processo de socialização.

A legislação específica também serve como fonte documental para clarificar a problemática na qual está inserido o professor leigo, principalmente nos aspectos abaixo:

MEC (13), no capítulo 3o. do seu documento referente a Educação no meio rural,estabelece seis pressupostos básicos para a realização da educação rural, a saber:

1- Pressuposto de Adequação à Realidade - vínculo da educação à problemática da vida do homen do campo;

2- Pressuposto de Dinâmica Cultural - educação deve respeitar e revitalizar valores da cultura regional;

3. Pressuposto da Auto-Realização dos Indivíduos - respeito ao direito da não circunscrição do homem nos limites do contexto rural.

4. Pressuposto da Participação Comunitária - participação da

---

(12) LOPES, R. Socialização e Organização Familiar Rural. In Cadernos do CEDES no.11, São Paulo,Cortez, 1984, p.42-49.
(13)MINISTéRIO DE EDICAçãO E CULTURA. Educação para o meio rural: ensino de 1o grau. Brasília, Departamento de Documentação e Divulgação, 1979, p. 17-28.

comunidade na escolha dos objetivos e conteúdos, bem como na execução dos programas educativos.

5. *Pressuposto da Articulação e Esforços* - atuação integrada da educação junto aos setores da saúde, da agricultura,da extensão rural e demais setores de atividades econômicas e sociais.

6. *Pressuposto da Inter-Relação Homem-Natureza* - conscientização quanto à necessidade de preservar a natureza e manter o equilíbrio ecológico.

Como sugestões alternativas baseadas nesses pressupostos, estabelece:

- Expansão e melhoria da rede física;
- Abrangimento de toda clientela entre 7 e 14 anos;
- Flexibilidade do calendário escolar;
- Adaptação dos padrões de avaliação.

Sugerindo ainda:

- o bloco (que prevê avanços individuais);
- a série (que elimina retenção e propõe o reforço ao aluno que não acompanhou);
- o planejamento curricular com participação da comunidade;
- o fornecimento de material pela FENAME;
- o treinamento de docentes capacitando-os para compreensão do meio em que atuarão, bem como prepará-los para uma percepção crítica dos fatores atuantes no desenvolvimento rural (sociais, econômicos, culturais e ecológicos);
- apoio ao estudante no que diz respeito à nutrição, saúde, recreação e materias de ensino e aprendizagem;
- apoio à comunidade para capacitação de mão-de-obra, bem

como para melhoria das condições de saúde, saneamento e habitação, etc.

A LEI 5692/71 (14), no Capítulo I, artigo 1o., estabelece que o ensino de primeiro e segundo graus tem como objetivo geral proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades.

Ainda nesse capítulo, em seu artigo 11o., inciso 2o., refere-se ao calendário escolar no meio rural e estabelece que os períodos letivos poderão ser organizados com prescrição de férias nas épocas de plantio, colheita e safra, conforme plano aprovado pela competente autoridade de ensino.

O III PLANO SETORIAL DE EDUCAÇÃO, CULTURA E DESPORTOS (15) evidencia os problemas da educação brasileira e afirma que o quadro é agravado pelo distanciamento da Universidade em relação aos problemas sociais e educacionais. Como estratégia de ação, propõe, em relação ao ensino superior, entre outras, o fortalecimento da articulação entre a educação superior e os demais níveis de ensino, principalmente os de primeiro e segundo graus, tendo em vista uma visão de conjunto da problemática educacional brasileira, sobretudo na faixa rural-urbana.

O Ministério da Educação e Cultura (16), através do Departamento Suplotivo, elaborou o Projeto Logos II que tinha como objetivo qualificar professores leigos, em nível de segundo grau, à

---

(14) LEI 5692/71. Lei das Diretrizes e Bases para o Ensino de 1o. e 2o. graus. Brasília, 1971.
(15) MINISTÉRIO DA EDUCAçãO E CULTURA - MEC - III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desportos para 1980-1985. Brasília, MEC. D.D.O. 1980, 50 páginas
(16) MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA- Departamento de Ensino Supletivo. Projeto Logos II. Brasília, 1974.

distância, com utilização de módulos de ensino, pois desse modo atingiria grande número de professores.

Os trabalhos diretamente relacionados ao presente estudo, como já afirmamos anteriormente, são muito escassos, mas destacamos os seguintes:

LEMOS, et alii (17), realizaram uma pesquisa no Pará, através da Universidade Federal Fluminense, para avaliar se os objetivos propostos pelo Projeto Logos II estavam sendo alcançados. Foi constatado que o desempenho dos cursistas - professores leigos - foi bastante insatisfatório levando-se em conta o perfil acadêmico dos sujeitos. Como fator determinante para o insucesso do Projeto, afirmaram ser o material instrucional do Logos II o responsável pelo não cumprimento das metas propostas.

MORAIS et alii (18), nesse trabalho os pesquisadores analisaram o impacto dos Programas de Habilitação sobre os alunos, a escola e a comunidade. Dentre o que foi constatado pela equipe, destacamos o que se refere ao professor leigo, como a caracterização do estilo pedagógico desse professor, que difere do estilo do professor habilitado. No grupo dos leigos, predomina um estilo de comportamento,onde a atividade de atendimento individual ao aluno, o comportamento verbal de dar ordens, a preocupação com a disciplina e a ordem na classe, foram pontos marcante. Ainda neste trabalho sobre "Professores Leigos x Habilitados", no que

---

(17) LEMOS, D. et alii. Habilitação de Professores Leigos em Oriximiná (PA),In Revista da Faculdade de Educação de Niterói. Rio de Janeiro, 9(2), julho, 1982. p. 47-60.

(18) MORAIS, G. et alii. Professores Leigos x Habilitados. Resumo da pesquisa realizada pela Universidade Federal de Sergipe. Aracajú, 1985.

se refere a análise da categoria "qualificação", destacou-se o grupo de alunos dos professores habilitados (pelo Logos) grupo este com média mais alta no rendimento escolar do que o grupo de alunos dos professores leigos.

Nesse panorama de escassos conhecimentos sobre a problemática da educação levada a efeito nas zonas rurais brasileiras, foi que realizamos o presente estudo que teve como objetivo específico, conhecer o professor leigo da região semi-árida do Piauí e as suas condições de trabalho.

CAPÍTULO II

PESQUISA QUALITATIVA: ANÁLISE DO FENÔMENO SITUADO

Na pesquisa qualitativa, modalidade da **ANALISE DO FENOMENO SITUADO,** (19) a estrutura (experiência) e a essência do fenômeno mostra-se necessáriamente nas **descrições** que obtemos dos sujeitos. Há nessa modalidade de pesquisa, uma ênfase na natureza descritiva do conhecimento desejado ou aquele conhecimento a que se deseja chegar. Esse conhecimento é a essência do fenomeno.

As descrições referem-se a experiências que os sujeitos têm acerca do que está sendo feito o inquérito. Dessa forma, na descrições estarão as essências e as intencionalidades do sujeito. As essências não são o fim da análise, mas são vistas como meio de trazer À luz todas as relações vividas isto é, experienciadas.

A constituição dos dados propiamente dita, para a análise do fenomeno situado, começa quando fazemos a leitura das descrições para encontrarmos o que se mostra de mais significativo. Essas partes significativas são delimitadas por temas ou perspectivas da investigação. O tema é dado através do

---

(19) MARTINS, Joel e BICUDO, M. A. Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos São Paulo. Moraes. No Prelo.

questões orientadoras referentes aquilo que queremos conhecer.

Com esse procedimento, estamos, já, realizando uma **redução** na análise no que diz respeito a delimitação do nosso interesse referente ao fenômeno.

A rigor existem quatro momentos distintos na análise do fenomeno situado:

1o. Leitura das descrições inteiras a fim de formar um sentido para o conjunto das proposições;

2o. Leitura das descrições, novamente, para evidenciar as Unidades de Significado. Esses significados existem para o pesquisador que está interrogando e não são unidades comportamentais rigidamente prescritas, são respostas para suas interrogações;

3o. Esse momento refere-se a um procedimento de reflexão cuja intenção é chegar a categorias, passando através das expressões concretas dos sujeitos. Essa transformação em categorias é necessária porque as descrições feitas pelos sujeitos expressam de forma oculta, realidades múltiplas que desejamos elucidar em seus aspectos mais gerais que focalizam o fenomeno situado;

4o. Ultimo momento da análise que busca sintetizar todas as unidades de significado transformadas em proposição constituindo então a estrutura do fenômeno ou a afirmação consistente da estrutura do fenomeno.

A pesquisa qualitativa segundo a modalidade "Análise da Estrutura do Fenômeno" precisa de início situar o fenômeno, interrogando-o para que se possa compreendê-lo na vida cotidiana na medida que são vividas, experienciadas e conscientizadas pelo sujeito. Nesta postura, o pesquisador está mais preocupado com a natureza daquilo que vai investigar. Por isso é que inicia seu trabalho, interrogando o fenômeno e não tem princípios explicativos a priori deste fenômeno, posto que o significado e o sentido do fenômeno são sempre constituídos pelo próprio sujeito que o vive.

PROCEDIMENTO PARA OBTENÇAO DAS DESCRIÇOES

Na preocupação principal de encontar o professor leigo onde ele estivesse exercendo sua profissão dentro do município de Oeiras, fomos encontrá-los em diversas localidades chamadas de "povoados" (Anexo II), segundo informações do Orgão Municipal de Educação, e para os quais nos dirigiamos com o veículo cedido pela Universidade Federal do Piauí.

No primeiro contato, os sujeitos mostravam-se, em sua maioria, tímidos e receiosos de falarem sobre si mesmos. Ficávamos, praticamente quase o dia inteiro com cada um deles para garantirmos uma melhor situação possível e facilitar o procedimento de obtenção das descrições. O professor leigo, por ser geralmente um sujeito prejudicado por uma ausência cultural notável, pouco expressava sobre si mesmo e seu trabalho. esta atitude implicou em uma tomada de decisão de nossa parte em ter uma postura mais participativa frente ao sujeito entrevistado,

para poder captar muita mensagem velada, passada até mesmo por uma comunicação não-verbal, através de expressões, olhares ou gestos, que nos permitisse registrar/validar o que fora efetivamente dito.

Para não haver dispersões desnecessárias face a um universo abertos de relatos, recorríamos, sempre que necessário, a algumas questões dirigidas que reconduzissem a entrevista para a obtenção das descrições relativas a nossa região de inquérito. Desta forma, a recondução da entrevista de fazia com questões do seguinte teor: Você gosta de dar aulas aqui no "povoado"? Como é que você se sente em relação a educação que você pratica? Encontra ou não dificuldade na sua tarefa? Como elabora sua aula ou qual é a sua rotina de trabalho? Você pensa que seria possível melhorar aquilo que faz? Como veio a ser professor desta escola?

As descrições eram obtidas, anotando-se os segmentos de relatos dos sujeitos que melhor evidenciavam sua experiência vivida na condição de professor leigo. Logo após terminar a vivência com o sujeito, e no máximo com dois por dia, eram redigidas as descrições.

PROCEDIMENTO PARA A ANÁLISE DOS DADOS

O SENTIDO DO TODO

Num primeiro momento, procedemos a leitura e a releitura das descrições para se conseguir um sentido geral de todas as proposições. Esta busca de apreensão do todo não se constitui ainda uma análise, mas um envolvimento profundo com o

conteúdo das descrições que caracterizam o fenômeno situado.

ANÁLISE IDEOGRÁFICA

As descrições que o pesquisador buscou estão eivadas da experiência vivida pelo sujeito. De forma ideal, as descrições deveriam excluir os dados sem importância e incluir todas as afirmações relevantes e que são importantes para caracterizar o fenômeno experienciado de forma precisa expressiva da experiência original vivida.

Diante da descrição, marcam-se ou põem-se em evidência, os significados encontrados nas proposições, isto é, são diferenciados as partes das descrições de acordo com perspectivas e interrogações psicológicas. Entenda-se por significado, aqui, a representação mental idiossincrática que cada sujeito tem dos eventos expressados em seu relato.

Assim é que, através da análise ideográfica, as unidades de significado despontam com elementos constitutivos do relato dos sujeitos, indicando momentos distinguíveis na descrição.

A análise ideográfica se presta, então, para captar as **idéias** dos sujeitos que possibilitam a constituição dos dados que enfocam o fenômeno situado.

Esta análise se faz necessária porque os limites das descrições individuais nem sempre expressam de forma clara o que está sendo interrogado. Busca-se uma melhor inteligibilidade para a expressão ou articulação dos significados próprios de cada

sujeito. Desta forma, a constituição dos dados, ou seja, a identificação das unidades de significado de cada descrição, é realizada retirando-se da descrição aquilo que melhor expressa as idéias de cada sujeito relacionadas ao fenômeno interrogado.

ANÁLISE NOMOTÉTICA

A análise nomotética configura-se como uma passagem do psicológico individual para o psicológio geral. O termo nomotético, derivados de "nomos", que significa o uso de normas ou leis, indica uma elaboração de normas que se originam de fatos.

A análise nomotética possibilita, então, reagrupar aquelas representações mentais individuais levantadas pela análise ideográfica, que se tornaram praticamente normativas, e verificar que aspectos psicológicas individuais podem ser generalizados. Naturalmente que, face aos limites da pesquisa, não se trata de generalizações universais, mas de generalizações contextuais, isto é, no âmbito do fenômeno situado.

Este movimento do psicológico individual para o aspecto psicológico geral na manifestação do fenômeno possibilita, inicialmente, um reagrupamento das unidades de significados em categorias, face à compreensão das convergências e divergências encontradas nas descrições individuais e que se mostram através da análise ideográfica.

Esta fase de reflexão analítica pode ser enfeixada numa síntese que congregue os aspectos genuinamente comuns nas descrições, tanto quanto aqueles aspectos implícitos o que

puderam ser explicitados nessa ação reflexiva. Com esta síntese torna-se possível expressar o fenômeno já tematizado o que se mostra nos seus aspectos essenciais ao inquiridor fenomelógico.

O NOSSO ENFOQUE

Para conhecer as características essenciais do fenômeno que pretendíamos estudar - O professor leigo e seu trabalho no semi-árido piauiense - começamos nossa investigação empírica direta no campo total do estudo proposto de maneira particularmente aberta.

Este olhar atentivo nos permitiu a direcionalidade para o fenômeno como ele se dá: não se trata de uma abordagem do professor leigo em si, mas da maneira de como "ser leigo" é experienciado pelo professor no semi-árido do Piauí, no município de Oeiras.

O "mundo-vida" dos sujeitos é a matriz social dentro da qual surgem situações não esclarecidas que devem ser esclarecidas que devem transformadas, através do procedimento de investigação, em asserções generalizáveis.

Potanto, o mundo no qual os sujeitos vivem e experenciam é um mundo social e cultural, dentro do qual os sujeitos se relacionam de formas múltiplas nas suas inter-relações.

A postura de descrever esse mundo-vida dos sujeitos dá-se para fins práticos, buscando conhecer e compreender sua

conduta, seus motivos, etc., que se originam nas circunstâncias biograficamente determinadas dos sujeitos.

Para a análise do fenômeno situado, portanto, daquele fenômeno que foi posto diante de nossos olhos para investigação, precisamos iniciar com uma descrição do mundo onde se dão as experiências vividas dos sujeitos, procurando contextualizar aqueles que foram nossos objetos veiculadores de pesquisa. (20)

Desta forma, procedemos primeiramente a uma descrição do município de Oeiras em seus principais aspectos que configuram o mundo social e cultural onde é vivido o fenômeno que interrogamos.

A seguir, buscamos identificar quem são os professores leigos do município de Oeiras.

O que buscamos são "os contornos que apresentam alguns característicos importantes das construções que participam da experiência de sentido comum do mundo inter-subjetivo da vida cotidiana, experiência a que denominamos de "verstehen" ou compreensão real da situação, percepção ou entendem a vida cotidiana do sujeito".(21)

---

(20) MARTINS, Joel. A Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa- Uma Compreensão Necessária na Pesquisa do fenômeno Situado. Mimeo. Curso de Pós-Graduação, UNICAMP, 1988.

(21) IDEM, IBIDEM pág. 2.

CAPITULO III

O FENÔMENO SITUADO: O MUNICÍPIO DE OEIRAS

1. O MUNDO-VIDA DOS SUJEITOS

Oeiras é a mais antiga cidade do Piauí. Suas origens remontam há mais de três séculos e foi, segundo historiadores, um arraial de índios domésticos estabelecido por Julião Afonso Serra em 1676, para defesa de suas fazendas e lavouras.

Mais tarde formou-se no local um povoado com uma capela dedicada a Nossa Senhora da Vitória em 1696. Então a frequesia começou a estabelecer-se propriamente e chegou a condição de Vila por Carta Régia de 1712 com o nome de Vila da Mocha, nome do riacho que por alí passa.

A Vila da Mocha foi sede do governo da Província do Piauí em 1758. A Vila passou então a categoria de cidade com o nome de Oeiras, homenageando o então Ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, conde de Oeiras e futuro Marquês de Pombal.

Oeiras foi capital do Piauí até 1852 quando então esta foi transferida para a atual cidade de Teresina.

O município de Oeiras é distante de Teresina 344 km, tem uma população de 51.259 habitantes e é constituida por vários povoados, sendo os mais importantes: Santa Rosa, Malhada Grande, Colônia, Boa Nova, São João da Varjota, Tanque e Oitis.

ASPECTOS FÍSICOS

Oeiras está ligada a Teresina pelas rodovias federais

BR 316 (270 km) e BR 230 (transamazonica 48 km) e encontra-se a 166 m acima do nível do mar, numa região de transição entre a floresta equatorial, o cerrado e a caatinga, interpenetrando-se os três tipos de vegetação. Tem o clima quente e úmido.

Oeiras conta com serviço telefônico urbano e interubano, com sistema DDD mantido pela Telecomunicações do Piauí S/A - TELEPISA - com mais de 100 terminais instalados.

Possui ainda uma emissora de rádio AM; uma estação repetidora de TV, captando alguns canais de Teresina. Uma Agência dos Correios e Telégrafos completa o quadro das comunicações da ex-capital do Piauí.

A atividade comercial concentra-se em volta do mercado de Oeiras, na Praça Orlando Carvalho e na Praça Visconde de Parnaíba, tendendo a expandir-se por algumas ruas próximas.

A feira do fim-de-semana desenvolve-se na imediações do mercado, em precárias condições de higiene e conforto.Constitui, entretanto, além de atrativo para os moradores do município, que se delocam até a sede de Oeiras para suprimento ou venda de seus produtos, uma fonte de abastecimento economicamente mais acessível à população pobre (comprando diretamente dos produtores) e uma oportunidade de acesso direto do produtor ao consumidor, suprindo, em parte, o intermediário.

Em Oeiras não há sistema de esgotos. O uso nas residências é de tanques sépticos, fossas sanitárias privativas.

O problema do saneamento liga-se às condições sócio-econômicas de sua população, ou seja, o baixo poder aquisitivo e, consequentemente, o baixo padrão de vida além de padrões

culturais que não permitem dar a devida importância, aos serviços de saneamento.

Na zona urbana, o abastecimento de água cobre 91,4% da população e a rede elétrica 14,9%.

Não há dados disponíveis para a zona rural. No entanto, presenciamos alguns abastecimentos de água na zona rural: lá existe um carro-pipa da SUDENE que faz a entrega de água nos povoados, em períodos de frequencia não superior a dois dias, principalmente no verão quando a escassez é ainda maior. Somente em alguns povoados maiores existe rede elétrica instalada.

Oeiras dispõe somente de um Hospital com 60 leitos (01 para cada 805,2 hab.) e oferece os serviços de clínica geral, cirurgia, gineco/obstetrícia e pediatria. As doenças mais comuns são: doença de Chagas e verminoses.

ASPECTOS POPULACIONAIS

Uma das características demográficas de Oeiras que mais se destaca é o grande predomínio dos quadros rurais sobre os urbanos. A rede hidrográfica foi o principal fator a atrair e fixar o homem rural, já que os rios eram então as únicas vias de escoamento dos produtos regionais. embora hoje os cursos das águas não tenham a mesma importância nas movimentações das riquezas locais, eles ainda tem uma influência marcada na padronagem da ocupação da zona rural, pois que os rios e riachos comandam a localização das casas rurais, que frequentemente se dispõem em suas margens numa forma de "habitat" disperso linear.

A maior aglomeração da população rural encontra-se nas áreas de agricultura onde a atividade agrícola é suplementada pela coleta comercial da amêndoa do babaçú, da cêra de carnaúba e do nozes de tucum. A influência do clima com uma estação seca mais acentuada, que denuncia a aproximação do nordeste semi-árido, impõem a localização das casas rurais e das culturas ao longo das baixadas e das margens aluviais dos rios e ribeirões, onde os solos mais úmidos e mais argilosos podem ser cultivados. São estas as áreas mais habitadas dentro da paisagem monótona dos cerrados e das matas que caracterizam o revestimento vegetal da região. Outro fator condicionante dos maiores adensamentos nas áreas mais baixas é a ocorrência invariável dos carnaubais que são objetos de exploração.

Segundo informações do Censo Demográfico do IBGE, observa-se leve predominância do sexo feminino - 51.3% - sobre o masculino - 48.7% . Esta predominância do sexo feminino, característica da maioria das populações urbanas brasileiras, explica-se pela emigração de parte do contigente masculino, em busca de melhores pespectivas de emprego ou de estudo. No que diz respeito à composição por idade, a característica mais marcante da população de Oeiras é a proporção muito elevada de crianças e adolescentes. Isto indica, por um lado, uma taxa de natalidade elevada e, por outro, que também aqueles que migram trazem novos dependentes, conservando o elevado padrão de procriação. Em consequência da ação conjunta dos fatores vegetativos e migratórios a população de Oeiras apresenta uma composição por idade caracterizada pela elevada proporção de elementos economicamente passivos em relação aos ativos, circunstância que,

por sua vez, contribui para manter o baixo padrão de vida da população.

Dentre as muitas manifestações religiosas, próprias da população, destacam-se:

-A Semana Santa - festa dos Passos, tradição secular da antiga capital, comparada à de Ouro Preto. As procissões e as representações das cenas de paixão de Cristo fazem da Semana Santa um evento dos mais característicos do Nordeste.

-A festa de Nossa Senhora da Vitória, santa padoreira da cidade é realizada a 15 de agosto, precedida de novenas e peregrinação da Imagem da Padroeira.

-A festa do Vaqueiro realizada a 31 de maio reúne centenas de vaqueiros da região com seus cavalos e trajes típicos em desfiles pela cidade, culminado com uma corrida em pista preparada para o evento.

Oeiras pode ser considerada uma das cidades do Piauí mais ricas em atividades culturais por suas tradições e manifestações folclóricas. Nas "Rodas de São Gonçalo", o altar do Santo é ornamentado com muitas fitas e flores de papel. Duas fileiras de homens e mulheres ficam em frente ao altar começando a roda, dando voltas pelo terreiro ao som de rebecas, violões e maracás. O "Reisado" é uma fusão de vários personagens do bumba-meu-boi. Também conhecida como Folia de Reis, começa no Natal e termina no dia 06 de janeiro, dia de Reis.

Um grupo de músicos com rebecas, pandeiros, bombos e maracás acompanha a apresentação das figuras da "burrinha" do "jaraguá", da "caipora". Um grupo de mulheres segue cantando as

músicas em duas vozes, própria para cada apresentação.

A REDE EDUCACIOANAL

Em Oeiras na sede do município, funcionam nove estabelecimento escolares de ensino médio, e existem cinco unidades de ensino supletivo. As principais escolas de segundo grau são o Colégio Farmacêutico João Carvalho e a Escola Normal Presidente Castelo Branco. O Círculo Operário de Oeiras administra e a Legião Brasileira de Assistência oferece cursos livres de interesse geral.

Na zona rural existem 157 escolas , localizadas em todo o território do município. Segundo informações do Departamento de Educação Rural da Secretaria de Educação do Estado do Piauí, Oeiras teve em 1986, na zona rural, 6.143 alunos matriculados regularmente na rede de ensino, com 1.436 (18,71%) evadidos 3.259 (53,05%) de aprovados e 2.884 (46,95%) de alunos reprovados.

O número total de professores leigos que atuam na zona rural do município é de 305 professores, sendo que destes, 179 têm o primeiro grau incompleto.

O ORGÃO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Coordenação das atividades educacionais do município, diretamente subordinada ao Prefieto. Está sob responsabilidade do Órgão Municipal de Educação (O.M.E.) o planejamento e execução das atividades educacionais desde a elaboração do planejamento didático para os profesores leigos, até a

contratação do pessoal envolvido com o trabalho tanto docente quanto de apoio técnico-admistrativo da rede educacioanal do município.

Uma equipe de professores formados pela Escola Normal de Oeiras, compõe o quadro de supervisores do O.M.E. Esses supervisores são os responsáveis pela elaboração do planejamento didático que servirá de instrumento de trabalho para o professor leigo na execução da sua tarefa pedagógica em sala de aula.

Esse planejamento é elaborado bimensalmente e distribuído aos professores por ocasião do recebimento do salário na sede do município. Nessa ocasião, os supervisores ao entregarem o planejamento, sentam-se com os professores e mostram todo o plano de trabalho para os dois meses seguintes e discutem as dúvidas sobre o conteúdo. É um atendimento individual.

O planejamento didático feito pelo O.M.E. é bem detalhado e dá orientações ao leigo, de forma simples e compreensível, sobre suas atividades em sala de aula.

2. O SUJEITO: O PROFESSOR LEIGO

O Leigo é aquele que exercendo a função de professor não tem o primeiro grau completo e, no entanto, é o responsável pela transmissão do saber nas escolas de zona rural, no município de Oeiras.

A profissão de magistério é, na maior parte, exercida pelo sexo feminino, no presente caso, 48 mulheres e apanas 02 homens.

Os sujeitos encontram-se na faixa etária de 20 a 35

anos, em grande parte é de estado civil casado, possuindo mais de dois filhos.

O salário mensal que recebem equivale a pouco mais de 20% do salário mínimo vigente para a região. Este rendimento é para ajudar na renda da família. Todos os sujeitos da pesquisa não possuem o nível de escolaridade de primeiro grau completo. Somente alguns professores fizeram o curso Logos II.

Todos os sujeitos afirmaram que participaram de um treinamento dado pela Secretaria de Educação do Estado, mas não souberam explicitar o que fora efetivamente oferecido a eles neste curso de treinamento.

Os professores que moram longe da escola, situação comum na zona rural, dada a condição da população ser rarefeita, usam como meio de transporte a bicicleta, o animal ou mesmo percorrem a pé alguns quilômetros até a escola. Outros sujeitos ainda são professores da escolinha que funciona na sua própria casa, numa situação de improviso, utilizando um cômodo da casa como local de sala de aula, geralmente no período da tarde para que não atrapalhe os afazeres domésticos da professora, concentrados na parte da manhã. Ainda nesta situação, a professora também é a responsável pelo preparo da merenda escolar.

Todos os sujeitos têm carteira assinada pela prefeitura do município; recebem o salário mensalmente, sem atraso e demonstram contentamento de terem a situação funcional devidamente legalizada.

3. O TRABALHO DOCENTE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR LEIGO

3.1. AS DESCRIÇÕES

DESCRIÇÃO 01

Gosta de ser professora porque acha necessário ensinar as crianças do lugar a "aprenderem qualquer coisa", sensibiliza-se ao ver crianças que não sabem escrever; enfatiza que essa situação é muito comum por lá e que tem que fazer alguma coisa por essa situação. Acha muito importante ser professora, porque considera-se mesmo na condição de leiga, útil a comunidade pois ensina as crianças a pelo menos ler e escrever. Não tem intenção de deixar de ser responsável por essa tarefa... A rotina de seu trabalho na escola, é seguir o que já vem planejado pelo O.M.E.; usa o diário de classe para anotar o assunto (matéria) do dia... Considera que essa ajuda é muito importante para preparar suas aulas... Como fator positivo, acha que esse tipo de atividade (professora), proporciona-lhe "aumento do saber"... A grande dificuldade que encontra é com relação a freqüência irregular dos alunos, devido as atividades agrícolas; é que todos ausentam-se da escola para ajudarem os pais e isso atrapalha as lições. Sugere que sejam feitas reuniões com os pais dos alunos para obter colaboração desses no sentido de não permitirem que seus filhos faltem muito... Essa sugestão foi feita,permeando um comentário sobre a importância dessas reuniões com os pais, serem realizadas por pessoas que não fossem da comunidade, a fim de que essas solicitações sejam devidamente valorizadas e possivelmente atendidas.

DESCRIÇÃO 02

Gosta de ser professora apesar da indisciplina dos alunos, das preocupações de dona-de-casa e considera o trabalho uma "distração"... Acha importante ser professora, porque esse cargo lhe dá um certo destaque na comunidade, já que é muito procurada para dar esclarecimentos e orientações aos menos informados que vão procurá-la ... Aceitou ser professora porque não havia mais ninguém com mais escolaridade e também pelo fato de poder ganhar seu próprio dinheiro... Acha que desde que começou a lecionar, adquiriu mais conhecimentos, pois teve que ler as apostilas que recebia do OME e isso contribuia para "melhorar seus estudos"... Não pensa em deixar esse emprego porque jamais conseguiria arranjar outro naquele lugar...Prepara suas aulas de acordo com

planejamento que recebe do OME e executa tudo de acordo ... Como dificuldade aponta o desinteresse dos alunos: "eles não tem cabeça para o estudo", mesmo com a merenda escolar, material que o governo dá,nem isso motiva os alunos... Para melhorar seu trabalho, acha que a escola deveria ter um " inspetor" para disciplinar as crianças, pois não consegue manter os alunos quietos, prestando atenção na aula.

DESCRIÇÃO 03

Gosta de ser professora embora reconheça que seria melhor se tivesse condiçoes de oferecer algo mais ás crianças e de ir além de apenas ensinar a escrever o nome, mas encontra muita dificuldade mesmo para essa tarefa... Nunca tinha pensado ser professora, gostaria de ter estudado para ser outra coisa, mas o pai não permitiu... Aceitou a função de professora como um jeito de pelo menos continuar estudando... Não quer deixar de ser professora... Toda sua rotina de trabalho faz com ajuda do planejamento didático do OME e o auxílio de uma colega professora que fez o curso pedagógico....Como dificuldade maior, apontou a frequência irregular dos alunos e o grande desinteresse em estudarem...Reclama da falta de preparo para a tarefa de ser professora, mas agora já acostumou com a idéia,pois viu que tem muita gente igual a ela (sem preparo, leigo)... Não encontra pespectiva de melhorar seu trabalho, diz que tudo depende de Deus, pois, "esperança para o pobre é o amanhã".

DESCRIÇÃO 04

Acha que gosta de ser professora porque não tem outro jeito, esse é o único "apelo" para ela; não tem outro emprego e aceitou ser professora para ganhar dinheiro... Faz todos seus planos de aula com o auxílio que vem do OME. Quando os alunos aprendem,(diz que sabe por causa da nota que dá no fim do mês) e houve aproveitamento, fica muito contente. Não sabe porém o que fazer com o desinteresse dos alunos, são muito desligados, parece que não querem nada com a vida, nem mesmo os pais ajudam... Não faz idéia do que possa ser feito para melhorar seu trabalho, acha tudo muito difícil de ser conseguido. Os pais dos alunos não cooperam e não - "ligam" para a escola.

DESCRIÇÃO 05

Gosta de dar aulas porque gosta muito de crianças e preocupa-se com o fato da repetência como conseqüência da freqüência irregular dos alunos,devido as atividades agrícolas que tornam-se prioritárias para os pais dos alunos... Enfatiza a importância da escola, não ela, enquanto professora, mas a existência da escola como local necessário para o ensino, independente de quem seja profesora... Aceitou o "convite" do vereador do povoado para ser professora, pois acabara de chegar

de São Paulo onde era operária, estava sem emprego, daí começou a dar aulas... Não quer deixar a função porque gosta muito de crianças. A preparação do plano de aula diário é feito baseado no planejamento que recebe do OME e tem certeza que sem essa ajuda não conseguiria dar aulas... Diz preocupar-se com o ganho dos alunos, pois para isso é responsável... Como principais dificuldades aponta o desinteresse dos alunos, falta de compreensão dos pais para que os filhos aprendam. Acha que uma possível solução para esse problema, seria a ajuda que o OME poderia dar, no sentido de organizar reuniões com os pais e tentar conscientizá-los da importância de ajudarem os professores na tarefa de educar seus filhos.

DESCRIÇÃO 06

Gosta de ser professora, primeiro,porque gosta muito de crianças, segundo, porque tem vontade de ensinar o pouco que sabe as crianças da fazenda, para que, se um dia umas delas sair de lá, pelo menos saberá ler e escrever... Mesmo assim, admite ter aceito ser professora pelo dinheiro que ganharia a mais, pois já tem muita coisa para fazer como "administradora" da fazenda na ausência do proprietário. Agora já se acostumou com a ocupação e não pensa em arranjar outra pessoa para substituí-la... Com o auxílio do planejamento, faz o plano de aula diário... Sempre passa tarefa de casa, mas as crianças nunca fazem porque os pais, na maioria, são analfabetos e não ajudam a fazer o dever de casa, essa tarefa em classe, antes de começar a aula... Não tem dúvidas que o mais importante é o ganho dos alunos, mas diz que isso é difícil porque as crianças nem sempre aprendem logo, pois tem "cabeça ruim para estudo", mas quando aprendem, sente-se muito feliz. Quando encontra uma criança que tem muita dificuldade para aprender e acaba desistindo do estudo para só trabalhar na roça, fica muito desanimada. Para melhorar seu trabalho, diz que falta principalmente material escolar, como por exemplo, carteiras para as crianças sentarem e escreverem, pois do jeito que elas estão hoje, escrevendo no chão e até na parede, é triste de ver. A dificuldade para a merenda escolar chegar até a fazenda,é outro problema apontado.

DESCRIÇÃO 07

Gosta de ser profesora pelo fato de saber que está ajudando a comunidade, as crianças precisam dela... Aceitou ser professora porque foi uma maneira de ajudar os mais pobres, na verdade queria mesmo era ser freira, para ajudar os outros, como não pode ser, então procurou fazer algo por eles, sendo professora; tem dúvidas no entanto, se quer ou não deixar de ser professora, pois o salário é insuficiente para mantê-la... Prepara suas aula com ajuda do planejamento que vem do OME, mas sempre cria novas tarefas para estimular as crianças, como brincadeiras, jogos, etc. O fator positivo do seu trabalho, é o reconhecimento da comunidade pelo que faz por eles. Sente muitas dificuldades em lidar com os pais dos alunos pois eles não

cooperam e sempre tiram as crianças da escola para ajudarem no trabalho da roça, isso prejudica suas aulas... Sugere que venha alguém, que não seja da comunidade para falar com os pais acerca desse problema e dizer-lhes da importância da escola.

DESCRIÇÃO 08

Gosta de lidar com crianças,por isso gosta de ser professora. Começou a dar aulas porque na "propriedade" do marido não tinha ninguém que tivesse condições de dar aulas, aí não teve outro jeito senão assumir o cargo na escola que foi construida para o povoado. ... Não sabe se quer continuar, mas se aparecer outro emprego, certamente deixará de dar aulas (mas disse que tem pena das crianças). Seu planejamneto educacional é todo de acordo com instruções do OME...Sempre manda tarefa para casa, mas eles nunca fazem, tem mesmo que fazer tudo na classe. A principal dificuldade é com o desnível das crianças, uns aprendem, outros não, e dar aulas assim fica muito difícil mesmo... Aponta como solução para esse problema, uma divisão das salas de aulas, pelo menos para separar os repetentes que diz atrapalhar um pouco; mas reconhece a dificuldade para conseguir isso, pois teria que ter mais professores, e não existe ninguém com condiçoes de ajudá-la nessa tarefa.

DESCRIÇÃO 09

Não sente-se bem com as crianças por causa da indisciplina, o mal comportamento tira-lhe a paciência, diz que isso é porque não teve muito estudo para saber "dominar" as crianças... Aceitou ser professora porque não havia mesmo mais ninguém com um pouco de estudos, teve que ser ela mesmo. A comunidade é pequena, pobre. Acompanha tudo o que vem no planejamento do OME. Como ponto positivo, diz que sente-se importante pela responsabilidade de encaminhar as crianças na vida através da escola, do ensino. Enfatiza a dificuldade em lidar com a indisciplina dos alunos e que precisa de mais estudos para ser uma professora melhor, sem tantas dificuldades.

DESCRIÇÃO 10

Gosta de ser professora porque na escola está sempre em contato com o conhecimento, aumenta o saber... Prefere trabalhar como professora ao seu outro emprego, que era na posto de saúde... Os treinamnetos que recebe do OME são muito importantes para melhorar seu "entendimento"... Aceitou ser professora porque é uma coisa que gosta de fazer... Faz todo seu plano de aulas de acordo com orientações do OME e auxílio do "livro do mestre". Se algum assunto não for bem explicado no livro ou planejamento, procura se informar mais para não ensinar "assim por cima"... Faz ditado todo dia pois acha que desse jeito o aluno aprende a escrever as palavras certas; não passa dever de

casa porque não adianta mesmo, eles não fazem, prefere dar exercícios em sala de aula porque assim acompanha "tudo direitinho". O ganho dos alunos é o mais importante para ela,pois isso alegra tanto o professor como os pais dos alunos, e isso é um bom reconhecimento que a comunidade pode fazer... A dificuldade maior é a falta de atenção ao seu salário que é muito baixo e se revolta porque sendo leiga, ganha menos que os formados e trabalha mais... Sempre pede ao OME que traga material para a escola para melhorar o seu trabalho.

DESCRIÇÃO 11

Ser professora foi uma oportunidade de emprego que teve e não poderia perder... Não sabe se acha importante ser professora, é um salário muito baixo... Não pensa em deixar o emprego, mas se achar outro que pague melhor, desiste de ser professora. Faz todo seu plano de aulas de acordo com planejamento e pesquisa também nos livros do Logos II que ajudam muito a esclarecer as coisas. Fica contente com algum reconhecimento dos pais, quando os filhos vão bem na escola... Mas a maioria dos pais não valoriza a escola do interior (rural) e não leva a sério a frequência dos filhos na escola e,sempre que precisam deles, não os deixam ir na escola... Não sabe o que pode melhorar na escola rural,porque tudo depende dos políticos e em "políticos não se pode confiar, daí só Deus ajudando..."

DESCRIÇÃO 12

"Eu preciso de dinheiro, a comunidade precisa de mim como professora, então eu gosto... Só que preciso aprender um pouco mais para melhorar meu trabalho... Mas o OME ajuda com o planejamento e tudo fica mais fácil..." Sua grande dificuldade é ter que dar aulas na sua própria casa, pois são 20 meninos numa sala pequena, tem que fazer a merenda escolar para todos e faz tudo sozinha...As crianças não tem onde sentar, escrevem com o caderno no chão mesmo. Está reivindicando, à prefeitura, a construção de uma sala ao lado de sua casa para funcionar a escolinha... No mais, não tem jeito, o "negócio" é continuar assim mesmo.

DESCRIÇÃO 13

Gosta de ser profesora por amor às crianças, sente saudades das crianças nas férias... Acha importante ser professora porque na verdade também é uma orientadora da comunidade, pois tem uma boa noção das coisas da cidade, como por exemplo: onde vacinar as crianças, bancos, cartórios, etc. e ensina isso para as pesoas que a procuram pedindo informações, pelo fato dela ser professora... é profesora porque cresceu vendo seu pai dar aulas,

pois a escolinha funcionava na sua casa e seu pai (leigo também) foi quem ensinou a tarefa de ensinar aos outros, orgulha-se de continuar sendo o que o pai foi um dia, sabia que seria professora... Prepara suas aulas com auxílio do OME... Sempre manda tarefa para casa, menos no dia que tem prova; nem todos a trazem feita, quando isso acontece, manda fazer em classe mesmo... Fica muito feliz quando as crianças aprendem, mas isso é tão difícil,pois são muito "atrasados"... A dificuldade de ir para a escola também "conta", pois precisam andar muito a pé... Sempre está tentando conseguir mais paricipação dos pais, mas tem muita dificuldade: não dá para reunir todo mundo e falar dessa necessidade; mas muitos deles,mesmo com boa vontade não conseguiriam ajudar seus filhos na tarefa da escola, pois são analfabetos.

DESCRIÇÃO 14

Gosta muito de crianças, daí começou a gostar também de ensinar as crianças da localidade, mas inicialmnte foi porque precisava trabalhar para ajudar na renda da família que é muito pobre e vive da roça. Quem vive da roça tem uma vida incerta, hoje tem, amanhã pode não ter, pelo menos esse dinheiro da escola é certo todo mês. Prepara suas aulas de acordo com o planejamneto do OME, além do diário de classe, também anota em um caderno o aproveitamneto de cada aluno para para preencher o boletim do final do mês... Sempre passa dever de casa e corrige todo dia logo após a chamada... Sabe que a comunidade não reconhece seu trabalho, mas fica satisfeita em ensinar assim mesmo... Preocupa-se muito com a falta de interesse dos alunos, não sabe o que fazer para melhorar, faz todo esforço que pode para prender a atenção dos alunos, mas as vezes desiste, é muito dificil... Não tem a colaboração dos pais e diz que os pais afirmam que:"quem tem o dever de ensinar é o professor, porque os filhos estão na escola é para aprenderem, o problema é dos professores..."

DESCRIÇÃO 15

Preferiria outro emprego que fosse mais perto de casa, mas no interior não tem outro emprego para mulher, e se acaba gostando do que faz... Diz que é até bom fazer "isso" porque acha aprendendo um pouco mais das coisas... Acha bom trabalhar, se como professora tanto faz, o que importa é o dinheiro que vem... Aceitou ser professora porque precisava ajudar no sustento da família, vive da roça, quando não chove é duro a vida. (Trocaria de emprego, ou seja,deixaria de ser professora, caso aparecesse outro emprego mais perto de casa). Faz todo seu plano de aula de acordo com o OME... Quando sabe que os alunos aprenderam, através das notas das provas, fica muito contente, pois é sinal que eles aprenderam o que ela ensinou... Sente dificuldade em dar aulas

pela falta de preparo... Reclama muito da distância da escola/casa, cerca de 4 kms que percorre a pé todo dia... Acha que deve se capacitar mais para melhorar seu trabalho, mas gostaria de outro emprego, certa dessa impossibilidade, vai ficando na função de professora...

DESCRIÇÃO 16

Diz que não é bom ser professora, mas que dá para ir levando... Tem vontade de aprender mais um pouco para ensinar os meninos, pelo menos também está aprendendo mais um pouco... O trabalho de professora não é bom, mas quer fazer alguma coisa pelas crianças do lugar onde mora, e se não for ela quem vai ser? (indagou) Não tem mais ninguém melhor que ela... Começou essa atividade substituindo outra professora, logo no início tinha muito medo de dar aulas, mas o pessoal do OME ajudou muito e hoje acha que dá para ser professora... Não quer deixar essa ocupação porque não existe nada melhor por lá. Faz todo seu planejamento de acordo com orientações do OME ... Fica muito contente com o ganho dos alunos, mas isso é difícil, pois eles não cooperam (não aprendem o que ela explica) mas mesmo assim, tenta ensinar, senão eles ficam sem saber ler e escrever.A grande dificuldade que sente, é a falta de preparo, mas garante que faz tudo" direitinho como manda o OME" ... Para seu trabalho melhorar, só precisa mesmo de mais treinamento dado pelo pessoal do OME,pois assim tem mais explicação sobre o planejamento e de com deve dar aulas, melhorando, então, seu entendimento...

DESCRIÇÃO 17

Só não gosta mais de ser professora, porque não é formada, mas gosta muito de ensinar as crianças. Se fosse mais nova, se esforçaria para se formar professora. Faria a escola normal, se prepararia mais, pois só assim seria uma boa professora. Do jeito que é, sem estudo, não pode ensinar bem, os meninos não aprendem muito não... Trabalha porque é preciso, por necesidade financeira, atualmente está com problemas nos olhos, não enxerga bem... Não queria ser professora, porque achava que não tinha "leitura" suficiente e ficou sem jeito de aceitar o cargo, mas aceitou porque o líder da comunidade insistiu muito. Gostaria de mudar de emprego,para qualquer coisa que exigisse menos da sua cabeça... Faz todo seu plano de acordo com planejamento que vem do OME ... dá tarefa para casa sempre, principalmente fazer cópia do livro... A comunidade não reconhece seu trabalho, se o aluno passa de ano tudo bem, se não, a culpa é da professora... Alega que sua grande dificuldade, é o problema de saúde com os olhos. Quanto á falta de preaparo, o ser leiga, tenta superar com ajuda do pessoal do OME, assim o trabalho fica facilitado.

DESCRIÇÃO 18

Gosta de ser professora, agora, pois tem afeição pelas

crianças e isso é compensatório...Tem prazer em ensinar as crianças o pouco que sabe... Faz todo seu planejamento didático baseado nas orientações do OME. é satisfatório saber que os alunos aprenderam... é muito difícl trabalhar numa sala de aula com muitos repetentes e outras séries juntas... Sugere para que melhore seu trabalho, que se contrate alguém para ensinar as crinaças da primeira série, porque alfabetizar uns juntos com outras séries é muito trabalhoso.

DESCRIÇÃO 19

Sempre quiz ser professora, tentou ser enfermeira, mas não gostou porque viu muito sofrimento. Como professora só não é melhor, porque tem pouco estudo... Aceitou o emprego por causa do dinheiro que precisava... Sem as orientações do OME, teria muitas dificuldades na sua tarefa... O mais gratificante mesmoé poder transmitir aquilo que sabe aos outros, quando se trabalha com aquilo que gosta, fica mais fácil... O desinteresse dos alunos é grande, a atração da escola é a merenda escolar, assim eles só faltam mesmo quando precisam ir trabalhar na roça... Os pais não cooperam com a educação dos filhos. Seria bom que fossem feitas reuniões com eles, mas isto é muito difícil...

DESCRIÇÃO 20

Apesar de ser um trabalho complicado,com muita responsabilidade, até gosta do que faz. Foi surpresa quando a convidaram para dar aulas, preferiria estudar mais, mas não pôde, teve que trabalhar cedo, e parou de estudar. Não adianta procurar outro emprego, não vai achar mesmo... Faz todo seu plano de aula de acordo com planejamento do OME. Fica muito feliz quando um pai de aluno vem lhe agradecer, mas isso só acontece de vez em quando... A grande dificuldade é a frequência irregular dos alunos; a falta de material, falta uma diretora na escola para orientar as professoras. Aponta como mais importante para melhorar seu desempenho, trabalhar juntos com outros professores para tirar dúvidas e entender melhor como é dar aulas.

DESCRIÇÃO 21

Quando os alunos são interessados até vale a pena, mas a maioria não ajuda a gente a ser professora...Aceitou ser professora porque é a única profissão para mulher no interior, não tem outra coisa para fazer... Faz todo seu plano de aula de acordo com o planejamento vindo do OME; prefere "tomar a tabuada" às crianças mas essas preferem que ela passe tarefa de casa ao invés da tabuada. é importante ensinar porque se aprende também... O desinteresse dos alunos é grande, alguns vem para a escola por causa da merenda... Na escola não tem carteira suficiente para todos e há sempre uma disputa para ver quem consegue sentar. Isto dá muita briga entre as crianças,todo

dia... Outro grande problema é a presença do inseto transmissor da Doença de Chagas - o barbeiro- na escola, os alunos tem sempre a tarefa de matá-los, antes de começar a aula,para ficarem mais tranquilos. A prefessora fica preocupada com essa situação, afinal é perigoso para todos.

DESCRIÇÃO 22

Gosta de ensinar porque deve transmitir para o outro o pouco que sabe, eles precisam...A comunidade o trata muito bem pelo fato de ser professor... Desde o tempo do MOBRAL que dá aulas, pois considera essa atividade muito importante, pretende sempre continuar a dar aulas... Faz todo seu planejamento educacional de acordo com orientações do OME. Viaja todo dia mais de 3 km de bicicleta para a escola e ainda ganha um salário baixíssimo, essa é a grande dificuldade. Sem contar que os alunos faltam muito por causa das plantações... O OME deve incentivar os pais a ajudarem na escola, só assim acredita que possa melhorar seu trabalho.

DESCRIÇÃO 23

Não pretende deixar de ser professor porque continua a atividade do pai que era professor e tinha escola na pròpria casa. No começo achou tudo muito difícil, não conhecia bem o material do OME, depois que dominou o assunto acha mais fácil e também está mais confiante... A comunidade a considera importante... Na época que teve que substituir o pai, fez por necessidade do dinheiro, mas depois que casou, poderia deixar de ser professora, mas agora gosta muito do que faz e quer continuar,pelo menos assim também ajuda o marido no sustento da casa. Faz todo seu plano de aulas de acordo com planejamento do OME; o ganho dos alunos é importante, mesmo com a maioria desinteressada, tem alguns que estudam; outros a família não ajuda e diz que não é possível alguém aprender só na sala de aula... Consegue manter a disciplina porque aplica castigo para quem não se comporta direito; a distância da sua casa para a escola é grande, usa bicicleta, mas o sol é muito quente... Acha que está tudo muito bem, afinal a comunidade ganhou o prédio da escola que há muito reivindicava... (Na verdade, só existe mesmo o prédio da escola, não tem mais nada como carteiras, mesas etc.)

DESCRIÇÃO 24

Não gosta de ser professora porque tem muito trabalho e ganha pouco, a escola funciona na sua casa, tem que preparar a merenda escolar das crianças... Tem muito trabalho com a escola e os afazeres domésticos ficam todos atrasados, tem que lavar toda louça da merenda escolar, tem que preparar aulas... As crianças não cooperam, os pais não ajudam nas lições de casa, ela mesma tem de ensinar, às vêzes, mesmo antes de terminar a aula, já

ensina como deve ser feito o dever de casa, mas isso pouco adianta... espera que construam logo o prédio da escola e contratem uma auxiliar (merendeira) porque como está não é possível continuar...

DESCRIÇÃO 25

Logo no começo, tinha muito nervoso por ser a professora, mas agora já acostumou-se e ninguém reclama do seu trabalho... Deixar de ser professora, só se a política mudar... Faz todo seu planejamneto didático em acordo com orientações do OME; sempre leva os cadernos dos alunos para casa e traz com exercícios para ser respondido e corrige sempre... Se consegue ensinar vale a pena, mesmo com dificuldades ..." A gente acostuma com as dificuldades que nem pensa nelas, o salário é pouco, mas o que se pode fazer?". A falta de merenda escolar na escola, na opinião da professora, interfere no rendimento dos alunos...

DESCRIÇÃO 26

Gosta de ser professora porque é a condição de continuar aprendendo... Acha importante ser professora porque a comunidade a respeita e sempre a consulta sobre alguma coisa... Trocou de emprego: do posto telefônico (telefonista) para o de professora porque gosta de crianças. Prepara as suas aulas todas no sábado, para a semana inteira, às vezes muda um pouco o planejamento que vem do OME... Os alunos sempre fazem o dever de casa, acha que os pais ajudam... é muito importante saber que os alunos aprendem aquilo que ela ensina. A grande dificuldade mesmo é o desinteresse dos alunos, às vezes castiga para manter a disciplina, dá tarefa para o aluno fazer...

DESCRIÇÃO 27

Já se acostumou a ser professora. Tem ex-aluno seu que já é professor também, isso a deixa muito contente... O salário é sempre bom para melhorar a vida... Tem dia que "enjoa" e se a escola fosse longe de sua casa não iria mesmo... Faz todo seu plano de trabalho de sala de aula baseado no planejamento que recebe do OME. As crianças preferem fazer os exercícios na sala de aula mesmo, porque não adianta levar para casa, não tem quem os ajude em casa... O aproveitamento dos alunos é melhor coisa; a maioria não aprende, mas tem alguns que consegue "subir na vida" como esse seu aluno que agora também é professor... A falta de uma Diretora na escola é ruim pois assim não há a comemoração dos feriados,os alunos sentem falta...Está faltando material escolar, mas admite que a culpa é dos professores mesmos que não pedem ao OME o material que precisam. Acha que para melhorar seu

trabalho, só recebendo mais treinamento.

DESCRIÇÃO 28

É um pouco difícil ser professora, mas "a gente faz porque acaba aprendendo também. Aceitou essa ocupação porque pensou em estar em contato com pessoas, com mais estudos, adquirindo mais conhecimentos... Toda sua rotina de trabalho é baseada no planejamento que recebe do OME ... Uma grande dificuldade é lidar com a frequência irregular dos alunos por causa das colheitas, plantações e também com a falta de material na escola: carteiras, mesas, giz. é difícil trabalhar só com a vontade...

DESCRIÇÃO 29

Sempre esperou a oportunidade de ser professora, acha que tem vocação para isso... Fez um teste no OME para ocupar o cargo de professora e passou em primeiro lugar. Faz todo plano de aula de acordo com OME, mas não concorda: acha que deveria ser um " planejamento participativo " onde os professores também contribuíssem com com suas opiniões, experiências e não recebecem tudo já pronto... A escola é o enriquecimento da comunidade, mas lá falta tudo e quando falta material, é difícil trazer da cidade. Tudo depende do professor, ir buscar material, sem ter transporte, e tudo acaba atrasando por causa dessa carência... A escola não tem carteiras, só bancos de madeira desconfortáveis e é difícil dar aulas assim...

DESCRIÇÃO 30

Gosta do que faz, mas acha que é profissão de mulher, porque homem tem outras ocupações, a mulher não, pode se dedicar só a essa atividade... Mesmo com o planejamento do OME, tem dificuldade em fazer o plano diário de aula... Mas acha bom ser professor porque pelo menos está aprendendo um pouco mais... As dificuldades são inúmeras, entre as mais sérias: a escola é na casa de uma pessoa da comunidade (não se sente muito à vontade) a turma é multisseriada; a falta dos alunos... O grupo escolar tem que ser construído logo e também é necessário contratar outra pessoa para dividir as turmas...

DESCRIÇÃO 31

Apesar da escola ser em sua casa, com toda dificuldade possível, gosta do que faz porque não pode deixar tanta gente sem estudo... Aceitou ser professora " porque a política mudou e tiraram a outra professora que era do outro partido", daí então teve que substituí-la. Não pretende deixar de ser professora porque isso significa deixar o povoado sem escola, não tem coragem de fazer isso... Faz todo seu plano de aula de acordo com

planejamento que vem do O.M.E.... Acha que a comunidade não reconhece seu trabalho, os pais são desinteressados e não valorizam a escola por esta funcionar na casa da professora, sendo assim, nem todas crianças da comunidade frequentam as aulas. Uma solução para isso, só mesmo construindo logo o prédio da escola...Para melhorar seu trabalho acredita que precisa estudar mais, afinal, " a gente só ensina aquilo o que sabe, se a gente sabe pouco, então ensina pouco".

DESCRIÇÃO 32

Trabalhar com crianças é muito bom, além do que não tem outro emprego mesmo... Acredita que contribui para melhorar a comunidade e disse que fica muito contente quando as crianças a trata de mãe quando a encontram... Faz todo seu plano de aulas de acordo com orientações do O.M.E., sem essa ajuda, não saberia dar aulas...

DESCRIÇÃO 33

Não gosta do que faz porque não tem condições de dar aulas e ainda tem que dar aulas em duas séries juntas (primeira e segunda). Aceitou ser professora porque o vereador insistiu muito e não pode recusar... Com ajuda do planejamento, até consegue dar aulas... Ser dona-de-casa e professora ao mesmo tempo é muito difícil. Se o salário pelo menos fosse maior, até compensaria...

DESCRIÇÃO 34

(Esta é uma professora com 16 anos e que não tem o menor interesse no que faz). Não gosta de ser professora e só está nesta atividade porque seu pai pediu este emprego ao prefeito... Sente grande dificuldades em sala de aula, começou o ano letivo com 17 alunos, 10 se evadiram até o meio do ano, os 7 restantes terão reprovação certa, pois ela não sabe dar aulas, mesmo com toda orientação do O.M.E. Afirma que não tem condições de dar aulas porque também em escola rural e não aprendeu muita coisa...

DESCRIÇÃO 35

Acha que só valoriza a escola quando entra de férias, porque sente saudades das crianças, da escola... Nunca pensou em ser professora, de repente, teve que substituir outra professora, daí passou a gostar do que faz. Não pretende deixar de ser professora, a não ser que os políticos a tirem... Faz todo plano de aula baseado no planejamento que vem do O.M.E. e quase nunca manda dever para casa porque os alunos não fazem...

DESCRIÇÃO 36

A indisciplina dos alunos é seu grande problema, não sabe como lidar com isto, quando castiga, recebe ameaças dos pais em sua própria casa e isto vem atrapalhando seu trabalho, pois não consegue dar aulas em paz. No mais, acha que está tudo bem, tem material suficiente, tem acompanhamneto do O.M.E. que também tira suas dúvidas...

DESCRIÇÃO 37

Gosta de ser professora apesar das dificuldades, mas precisa do dinheiro e então suporta... Faz todo seu plano de acordo com orientações do O.M.E. Disse que tem uns alunos de "cabeça dura" que não aprendem mesmo. Os alunos faltam muito principalmente na época da "desmancha" (fazer farinha de mandioca) porque precisam ajudar seus pais... Na escola falta merenda, os alunos que moram muito longe vêm a pé, quando chegam na escola estão sem ânimo para estudar, a merenda ajudaria a resolver pelo menos essa questão...

DESCRIÇÃO 38

Apesar dos alunos serem mal comportados, até gosta um pouco de ser professora, mas sempre quis fazer isso: dar aulas, ensinar aos outros. Até estudou particular para melhorar seu entendimento e sabe que quanto mais der aulas, mais aprenderá.Faz todo seu plano educacional de acordo com planejamento do O.M.E. mas sempre acrescenta algo para aqueles alunos mais adiantados; fica muito satisfeita com a aprendizagem dos alunos. Tem alguns que não querem nada com a escola, outros são os pais que não cooperam, falta compreensão para ajudar e deixar os filhos estudarem em paz...

DESCRIÇÃO 39

Desde que era criança já queria ser professora e acha que tem vocação para o ofício...Quando surgiu esta oportunidade achou muito bom, sabia que só poderia ser professora no interior pelo pouco estudo que tem... Não quer deixar de ser professora, a não ser que os políticos mudem a situação... Faz todo seu plano de aulas baseado nas orientações do O.M.E. O pessoal reconhece o que ela faz pelas crianças da comunidade, embora seja difícil dar aulas com alunos faltando muito porque precisam ir na roça... Para melhorar mesmo seu trabalho, acredita em mais treinamento para o professor leigo.

DESCRIÇÃO 40

Aceitou o cargo de professora porque não tinha mais ninguém com capacidade e também pelo fato de gostar muito de crianças... Não existe outra opção de emprego para mulher, aqui no interior. O planejamento que vem do O.M.E. é muito importante para a

execução do seu trabalho. O que importa é que os alunos aprendam, afirmando que não acha vantagem no seu trabalho, se as crianças não aprenderem... A sua grande dificuldade é com os alunos de primeira série, porque tem muito repetente e isto atrapalha um pouco...

DESCRIÇÃO 41

Gosta de ser professora por causa das crianças que precisam. Sempre quis ser professora, vivia substituindo as outras até que foi contratada... Não tem dificuldade com as aulas porque tem ajuda do O.M.E., caso contrário, teria muitas dúvidas... Quanto à comunidade, não reconhece seu trabalho, a não ser aqueles que têm um pouco de "entendimento"... Tem muito problema com a disciplina dos alunos, diz que os pais não educam em casa... Para melhorar seu trabalho, só a realização de mais treinamentos para ajudar os leigos a dar aulas... Afirma que os pais não participam em nada da vida escolar dos filhos...

DESCRIÇÃO 42

É professora porque gosta de lidar com crianças acha que é melhor ser professora do que fica sem fazer nada, como fica a maioria das pessoas aonde mora... Tem muita dificuldade para ensinar, acha ruim explicar e eles não entenderem. Afirma que deve ser porque ela não sabe ser professora... Trabalha para ajudar na renda da família e gostaria de arranjar outro emprego, pois acha muito difícil dar aulas... Faz todo seu plano de aulas de acordo com orientações que vem do O.M.E. O não reconhecimento da comunidade a deixa chateada... Sente muita dificuldades em planejar suas aulas para os alunos que são muito desinteressados...

DESCRIÇÃO 43

Gosta de ser professora porque acha um trabalho muito bonito e é bom participar da vida das crianças; aceitou ser professora porque é o único emprego que lhe apareceu... Planeja todo seu trabalho segundo informações do O.M.E. A grande dificuldade mesmo é a falta de material que é muito importante para a escola, principalmente para o primeiro ano, que precisa de mais atenção. No entanto, tem que trabalhar quase sem nenhuma condição...

DESCRIÇÃO 44

Gosta muita de crianças e já labuta com elas desde a outra cidade onde também era professora; acha muito difícil lecionar no interior, porque os alunos não têm obrigação de irem na escola. As obrigações primeiras são com as atividades de casa, da roça, moagem da cana, a colheita, depois é que vão para a escola já

cansados, sem interesse. Os pais são os primeiros a pensarem assim, eles não auxiliam a professora e não valorizam a escola...

DESCRIÇÃO 45

Aceitou ser professora porque precisava trabalhar para ajudar no sustento da família; não pretende deixar esta ocupação, a menos que os políticos a tirem do cargo... Todas a suas aulas são preparadas de acordo com instruções do O.M.E. Comenta que sua maior dificuldade é não ter uma Diretora na escola para auxiliá-la na elaboração dos planos de aula...

DESCRIÇÃO 46

Gosta de dar aulas mas reconhece que tem dificuldades e que seria melhor se tivesse mais estudos, mais capacidade para transmitir melhor... Começou nesta atividade substituindo outra professora e sentia-se muito insegura por ter só primário de esco-laridade, mas com o apoio e o material distribuído pelo O.M.E. tudo ficou mais fácil... Gostaria de deixar de ser professora porque tem muita alergia ao pó de giz... Mas todas estas dificuldades tem suas compensações: orgulha-se de ter um ex-aluno que agora está estudando contabililidade na capital... Sente dificuldades em lidar com os pais, eles nunca cooperam com a professora... Para melhorar seu trabalho acha que só mesmo tendo "novidade" na escola como por exemplo: carteiras novas, material escolar novo. Isso motiva a vinda dos alunos, caso contrário eles faltam muito...

DESCRIÇÃO 47

Gosta de ser professora porque mesmo ganhando pouco, é melhor do que ficar sem fazer nada... Aceitou substituir outra professora, mas acha que não ficará muito tempo como professora... Faz todo seu plano de aulas de acordo com orientações vinda do O.M.E. Sente grande dificuldade em dar aulas para alunos de níveis diferentes pois não sabe o que fazer quando dá um assunto que uns compreendem e outros não acompanham a explicação... Sugere que contratem outra professora para dividir as turmas, ficando uma com os alunos mais adiantados e a outra com os alunos mais fracos...

DESCRIÇÃO 48

Gosta de ser professora porque esta ocupação lhe permite estar sempre recordando aquilo que aprendeu... Gosta de lidar com crianças e aceitou ser professora porque não tinha outro emprego no povoado. Faz todo seu plano de aula de acordo com instruções do O.M.E. Aponta como uma coisa importante para melhorar seu trabalho, que tivese mais carteiras para os alunos sentarem, pois eles ficam no chão, deitam, ficam brincando e isso

gera muita bagunça, não podendo controlá-los.

DESCRIÇÃO 49

Gosta de lidar com crianças, ensinar as poucas coisas que sabe, é muito importante para ela. Sempre quis ser professora desde há muito tempo .. Mesmo assim, todo material das aulas é seguido rigidamente pelo o que é dado no O.M.E., sem alteraçõe...O ganho dos alunos é o que mais a deixa contente, especialmente quando dá nota alta nas provas...As principais dificuldades são com alguns alunos desinteressados; a falta de carteiras na sala de aula. Assim não pode sequer da exemplo de higiene, pois os cadernos ficam no chão sujos e as mãos ficam também sujas...

DESCRIÇÃO 50

Gosta de ser professora porque gosta de brincar com crianças; acha que o fato de ser professora lhe proporciona um bom relacionamento com lideranças políticas do município, mas aceitou ser professora porque precisava do salário, além do que era a única pessoa na comunidade que tinha mais escolaridade... Não pretende mudar de emprego porque correrá o risco de não acostumar-se no novo emprego... Prepara suas aulas de acordo com planejamento do O.M.E. e, às vezes a aula é somente para fazer exercícios que deveriam ser feitos em casa... Para ela,o mais positivo do seu trabalho é que os pais reconheçam sua dedicação à escola,pois só assim garante seu emprego. Como dificuldade acha que o salário é muito baixo; não sabe lidar com indisciplina dos alunos, acha que precisa de mais treinamnetos do O.M.E. e melhor acompanhamento do seu trabalho.

3.2. ANALISE IDEOGRAFICA

Após procedermos a leitura das descriçoes para obtermos o sentido geral de todas as proposições, passamos ao segundo momento da análise dos dados, onde fizemos a Análise Ideográfica, isto é, apresentamos agora, as unidades de significado que despontaram como elementos constitutivos dos relatos dos sujeitos, ou seja, aquilo que melhor expressa as idéias de cada sujeito relacionadas ao fenômeno interrogado:

Sujeito número 01

1- É professora não porque gosta, mas porque sente necessidade de trabalhar com as crianças da localidade onde mora; sensibiliza-se e deseja fazer algo por elas;

2- Tem sentido de utilidade o serviço que presta à comunidade ao ensinar as crianças a ler e escrever; pretende continuar nesta tarefa;

3- Ainda que seja professora, não tem plano educacional, segue sugestões do O.M.E., porque sem ele não teria possibilidade de prosseguir; todavia considera importante a orientação do O.M.E. para aumento do seu saber;

4- A maior dificuldade é a frequência irregular dos alunos;

5- Na sua opinião, a reunião com os pais é importante para garantir a frequência;

6- Como professora, não se sente suficientemente forte e

respeitada pelos membros da comunidade.

Sujeito número 02

1- É professora porque o cargo lhe dá destaque na comunidade e porque não havia ninguém com mais escolaridade, junto ao fato de poder ganhar seu próprio dinheiro;

2- Depois que começou a trabalhar como professora ampliou seus conhecimentos através da leitura do material recebido do O.M.E.;

3- Pensa em continuar, não porque gosta, mas por causa da dificuldade em arranjar outro emprego;

4- Para ela os alunos têm dificuldade para aprender;

5- Acredita na presença de um inspetor para disciplinar as crianças;

Sujeito número 03

1- Ela gosta da atividade de ser professora e gostaria de ir além do ensinar a ler e escrever o próprio nome;

2- Encontra muita dificuldade para exercer a atividade de ser professora;

3- Gostaria de ter estudado mais;

4- Aceitou a função de ser professora, como jeito de melhorar seus estudos;

5- A rotina do trabalho segue o planejamento didático do O.M.E. e auxílio de uma colega;

6- Como dificuldade maior no exercício de sua tarefa está a frequência irregular dos alunos e o desinteresse dos mesmos;

7- Considera-se sem preparo para a tarefa de professora, mas consola-se porque encontra muitos outros iguais a ela;

8- Não encontra perspectivas de melhorar seu trabalho.

Sujeito número 03

1- Afirma que aceitou ser professora porque não tem outro emprego e precisa ganhar dinheiro;

2- Faz seu plano de aulas com o auxílio do planejamento que recebe do O.M.E.;

3- Não sabe o que fazer para melhorar o interesse dos alunos;

4- Não conta com ajuda dos pais para a tarefa educativa;

5- Não encontra perspectiva de melhorar seu trabalho;

Sujeito número 04

1- A professora preocupa-se com a repetência dos alunos e atribui esta fato a freqüência irregular devido as atividades agrícolas que, para os pais, são prioritárias;

2- Dá grande importância à escola , independente de quem seja o professor; o que importa é a existência da escola para haver estudos para as crianças;

3- Aceitou ser professora porque estava precisando de emprego;

4- Segue sempre as sugestões do planejamento que recebe do O.M.E. para dar aulas e afirma que, sem esta ajuda, não conseguiria ser professora;

5- encontra muitas dificuldades para lidar com o desinteresse dos alunos e a falta de cooperação dos pais;

6- como forma de melhorar esta situação, acha que o O.M.E.

deveria fazer reuniões com os pais dos alunos para lhes falar da importância da escola para seus filhos.

Sujeito número 06

1- Gosta de ser professora porque gosta muito de crianças e tem vontade de ensiná-las o pouco que sabe (ler e escrever);
2- Aceitou ser professora pelo dinheiro que ganharia a mais;
3- Apesar das outras ocupações que desempenha, já se acostumou com a de professora e não quer ser substituída;
4- Faz todo plano de aula com auxílio do planejamento do O.M.E.;
5- Tem o hábito de passar tarefa para casa, mas sempre auxilia as crianças a resolverem as tarefa em sala de aula mesmo, pois elas nunca fazem em casa porque não tem quem as oriente, a maioria dos pais é analfabeta;
6- Para ela, as crianças tem dificuldade de aprender e às vezes deixam a escola porque não conseguem aprender;
7- Para melhorar seu trabalho, diz que lhe falta material escolar de apoio (carteiras, lousa) além da merenda escolar.

Sujeito número 07

1- É muito importante para ela, ajudar as crianças da comunidade através do seu trabalho;
2- Ao aceitar a tarefa de ser professora, fez uma opção de ajuda aos pobres;
3- Não tem certeza se continuará na função devido ao salário ser insuficiente para mantê-la;

4- Além de elaborar suas aulas com a colaboração do O.M.E. enriquece as aulas com brincadeiras, jogos, para estimular a participação das crianças;

5- Disse que o reconhecimento da comunidade pelo seu trabalho é muito importante;

6- Afirma que o prejudicial ao seu trabalho é a atitude dos pais ao tirarem seus filhos da escola para o trabalho na roça;

7- Para melhorar seu trabalho, aponta como solução a ajuda que o O.M.E.poderia lhe dar, realizando reuniões com os pais no sentido de tentar fazer com que os pais passem a valorizar a escola.

Sujeito número 08

1- Assumiu o cargo de professora por absoluta falta de outra pessoa mais qualificada; disse que deixará o cargo tão logo apareça outra oportunidade de trabalho;

2- Organiza sua rotina de aula de acordo com orientações vinda do O.M.E.;

3- Quanto à tarefa de casa, sempre tem que auxiliar as crianças em sala de aula porque sabe que terão muitas dificuldades para fazerem sozinhas em casa;

4-Encontra muita dificuldade para lidar com o desnível das crianças, diz que uns aprendem, outros não- ; outra dificuldade é com os repetentes, que na sua opinião, não deveriam estudar junto com os outros para não atrapalhar;

5- Sugere como solução para este problema, a contratação de outra professora para dividir as turmas, principalmente os repetentes; reconhece a dificuldade para conseguir isso.

Sujeito número 09

1- A professora acha que o fato de não ter se formado para ser professora, causa-lhe dificuldade no relacionamneto com as crianças por causa da indisciplina;

2- Aceitou o cargo de professora porque no povoado onde mora, não havia mais ninguém em condições de dar aulas;

3- Faz todo seu plano de aula com base no planejamento didático que recebe do O.M.E.;

4- Na sua opinião, a escola encaminha as crianças para a vida; isto a deixa feliz por ser a responsável pelo bom encaminhamento que poderá dar aos seus alunos, ensinando-os;

5- Acredita que para melhorar seu trabalho, só adquirindo mais conhecimentos sentirá menos dificuldades.

Sujeito número 10

1- Ser professora lhe proporciona estar sempre em contato com o conhecimento, aumenta seu saber, por isto gosta da profissão;

2- é certo que os treinamentos que recebe do O.M.E. lhe esclarecem mais sobre as tarefas escolares;

3- Faz todo seu plano de aulas baseada no planejamento do O.M.E., mas sempre acrescenta algo ao assunto se considerar que está abordando o assunto superficialmente;

4- Sempre utiliza o ditado como técnica para as crianças escreverem palavras corretas;

5- Prefere fazer exercícios em sala de aula porque assim acompanha as crianças, explicando melhor o assunto;

6- O ganho dos alunos tanto é importante para ela como para os pais e isto é um reconhecimento que a comunidade pode lhe fazer, ou seja, os pais ficarem contentes com o ganho dos alunos;

7- Reclama do salário baixo e excesso de responsabilidade frente às várias séries em que dá aulas;

8- Para ela, a falta de material escolar de apoio, é uma grande dificuldade para seu trabalho.

Sujeito número 11

1- Ser a professora do lugar foi para ela uma oportunidade de emprego que não pôde perder, embora salário seja baixo;logo que apareça outra opção e que pague melhor, deixará o cargo;

2- Gosta de utilizar o livro do Logos II como fonte para esclarecer algo que não ficou claro no planejamento do O.M.E.;

3- Na sua opinião, os pais não valorizam a escola de zona rural e não levam a sério a questão da frequência escolar e isto tem prejudicado o seu trabalho;

4- Não acredita na perspectiva de melhorar a escola da zona rural pois isto depende dos políticos locais e sabe que é difícil contar com eles.

Sujeito número 12

1- Aceitou ser professora por causa do salário, mas sabe que a comunidade também precisa do seu trabalho como professora;

2- Além da ajuda que o O.M.E. dá, orientando seu planejamento educacional, acredita que precisa estudar mais para melhorar sua atuação como professora;

3- A grande dificuldade que encontra é ter que dar aulas na sua

própria casa, sem nenhuma condição didática; até a merenda escolar ela mesma tem que preparar;
4- Como melhoria imediata para seu trabalho, sugere que seja construida pela prefeitura, pelo menos uma sala ao lado da sua casa para que sirva de local para as aulas.

Sujeito número 13

1- Considera-se, além de professora, uma orientadora da comunidade, pois está sempre prestando este tipo de serviço aos moradores que a procuram pelo fato de ser a professora;
2- Diz ter aprendido a dar aulas com seu pai que era professor e tinha escola em sua casa; assim sempre esperou pela oportunidade de tornar-se professora e continuar a fazer o que seu pai sempre fez;
3- Considera a ajuda do O.M.E. importante para executar sua atividade e faz tudo de acordo com a sugestões do planejamento;
4- Acha que os alunos são muito atrasados;
5- Tem que deslocar-se a pé para a escola e percorre longo caminho; outra dificuldade é a falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos; desanima-se porque sabe que não conseguirá melhorar essa participação, porque a maioria deles é analfabeta e não podem sequer auxiliar nas tarefas de casa dos seus filhos.

Sujeito número 14

1- Começou nesta atividade porque precisava ajudar na renda da

família; e o fato de gostar de crianças facilita seu trabalho, desta forma passou a gostar de dar aulas;

2- Sempre prepara suas aulas de acordo com planejamento do O.M.E, faz anotações sobre o aproveitamento individual dos alunos para facilitar na avaliação;

3- Na sua opinião, a comunidade não reconhece seu trabalho; os pais não cooperam e acham que a tarefa de educar as crianças é só do professor;

4- Afirma que há muito desinteresse dos alunos, embora sempre faça tentativas para prender a atenção dos mesmos.

Sujeito número 15

1- Não gosta de ser professora, aceitou o trabalho porque era a única opção de emprego para mulher no local que mora; mas pensa em mudar de emprego tão logo surja uma oportunidade de trabalho mais próxima da sua casa;

2- Apesar das dificuldades acredita que sendo professora pelo menos está adquirindo mais conhecimentos;

3- Aceitou ser professora porque precisava ajudar no sustento da família;

4- Faz todo plano de aula baseada no planejamento do O.M.E.

5- Fica muito contente quando as crianças aprendem o que ela ensinou;

6- Para melhorar seu trabalho, acredita que precisa capacitar -se mais, pois sem preparo para dar aulas, sente muitas dificuldades.

Sujeito número 16

1- Não gosta de ser professora, admite que essa atividade lhe proporciona mais conhecimentos; apesar de não gostar do que faz, preocupa-se com a situação educacional do lugar onde mora pois é a única pessoa mais capacitada para o cargo;

2- Sentiu que no início da atividade como professora, não teria condições de exercer a função por absoluta falta de preparo;

3- A existência do O.M.E. é fundamental pra o exercício do magistério do professor leigo;

4- Todo o preparo de suas aulas é feito com base nas sugestões do planejamento do O.M.E.;

5- Para melhorar seu trabalho acredita que só é preciso mais estudo de sua parte e mais treinamentos dados pelo O.M.E.;

6- Na sua opinião, os alunos tem dificuldade para aprender o que ela explica.

Sujeito número 17

1- A professora reconhece a dificuldade que é ser leiga; gosta de ensinar as crianças e gostaria de ser formadda para ensinar melhor;

2- Acha que as crianças não aprendem porque ela não sabe ensinar;

3- Trabalha nessa atividade por dinheiro;

4- Pelo fato de não ser qualificada para o cargo, hesitou em aceitar o emprego, acabou aceitando por exigência política;

5- Gostaria de trabalhar numa atividade que não exigisse tanto esforço intelectual;

6- Organiza suas aulas de acordo com sugestões do planejamento

vindo do O.M.E.;

7- Como tarefa para casa prefere que os alunos façam cópias do livro;

8- Acha que a comunidade não reconhece seu trabalho;

9- Enfatiza que sua maior dificuldade no trabalho é de ordem física (saúde); que o fato de ser leiga torna-se irrelevante pois para isso conta com apoio do pessoal do O.M.E.

Sujeito número 18

1- É professora porque afeiçou-se as alunos e isso vem como recompensa pela tarefa difícil que é ser professor leigo;

2- Tem prazer em ensinar o pouco que sabe;

3- Faz todo seu plano de aula baseado nas sugestões do O.M.E.;

4- Fica contente quando percebe que seu aluno aprendeu;

5- Sente dificuldades em lidar com turmas multisseriadas;

6- Afirma que é grande a dificuldade em alfabetizar crianças juntas com outros alunos mais adiantados.

Sujeito número 19

1- É professora porque não teve outra opção de emprego, tentará mudar de emprego logo que apareça oportunidade;

2- Reconhece a dificuldade que lhe causa o fato de não ser formada para ser professora;

3- Aceitou este emprego por causa do dinheiro;

4- Não saberia dar aulas sem ajuda do O.M.E.;

5- Comparando sua antiga função com a atual, prefere lecionar, pelo menos tem oportunidade de fazer aquilo que gosta;

6- Tem certeza que a merenda escolar é o grande atrativo da escola pois os alunos são bastatante desinteressados;

7- Os pais não cooperam com a educação dos seus filhos;

8- Sugere que o O.M.E. faça reuniões com os pais solicitando maior participação destes, mas sabe que mesmo assim é difícil solucionar esse problema.

Sujeito número 20

1- Ficou surpresa com o fato de ter sido convidada para ser a professora; acha um trabalho complicado, de muita responsabilidade e não se acha apta a exercê-lo porque tem pouco estudo;

2- Mesmo com dificuldades deverá continuar com esse emprego porque não há outro;

3- Faz todo seu plano de aulas de acordo com sugestões do O.M.E.;

4- Fica feliz com a gratidão dos pais dos alunos;

5- Aponta como dificuldades: frequência irregular dos alunos; falta de material de apoio para criar novos atividades em sala de aula;

6- Acha que a escola está desorganizada porque falta uma diretora;

7- Sugere como ponto a ser melhorado no trabalho de magistério do leigo, o entrosamento entre os professores para que fossem discutidas suas dúvidas em grupo.

Sujeito número 21

1- É professora porque é o único emprego para mulher na zona rural;

2- Faz todo seu plano de aula de acordo com planejamento do O.M.E., prefere perguntar as contas da tabuada ao invés de passar tarefa para casa, embora os alunos prefiram a tarefa;

3- Acha importante ensinar porque também aprende;

4- Os alunos são muito desinteressados e isto dá desmotivação ao professor; uns vem para escola por causa da merenda;

5- Outra dificuldade é ter que trabalhar sem material escolar de apoio, faltam principalmente carteiras;

6- A professora preocupa-se muito com a presença do "barbeiro" inseto transmissor da doença de chagas. É rotina ter que interromper a aula para que os alunos matem os insetos;

Sujeito número 22

1- Acredita que deve ensinar ao outro aquilo que ele precisa aprender, por isso é professora;

2- A comunidade o trata com respeito pelo fato de ser professor;

3- Faz todo seu plano de aula baseando-se no planejamento do OME;

4- Encontra dificuldade para ir até a escola devido a grande distância, sempre que pode vai de bicicleta; acha que não é recompensado pelo baixo salário que ganha;

5- Os alunos faltam muito porque precisam trabalhar na roça;

6- Na sua opinião, o O.M.E. deve procurar os pais de alunos para lhes dizer da importância da escola.

Sujeito número 23

1- É professora porque quis continuar a profissão do seu pai, que também era professor leigo e tinha escola na sua casa;

2- Sentiu dificuldades no começo da atividade como professora porque não conhecia bem o material que recebia do O.M.E., mas agora sente-se mais confiante em seu trabalho devido ao apoio deste órgão;

3- Acha que a comunidade a considera importante;

4- É dificil lidar com o desinteresse dos alunos, algumas famílias não cooperam com a educação dos filhos;

5- Para manter a disciplina dos alunos em sala de aula é a favor de aplicar punições;

6- Aponta como dificuldade também o fato de ter que andar de bicicleta para chegar até a escola;

7- Está contente com o prédio da escola que foi recém inaugurado,embora esteja ainda desprovido do equipamento necessário para funcionar devidamente.

Sujeito número 24

1- Não gosta de ser professora porque tem muito trabalho e ganha pouco, mas mesmo assim precisa desse dinheiro para ajudar no sustento da família;

2- A escola funciona em sua própria casa e este fato dificulta e atrapalha sua vida doméstica;

3- As crianças não estudam e os pais não cooperam sequer com a tarefa de casa;

4- Espera que o prédio da escola seja construído para que possa melhorar seu trabalho.

Sujeito número 25

1- É professora porque não tem outra opção de emprego;
2- Teve bastante dificuldade no começo por não sentir-se apta à função de professora, agora já consegue trabalhar com mais tranquilidade;
3- Elabora seu plano de aula baseado no planejamento do O.M.E.
4- A professora prefere,ela mesma,copiar nos cadernos dos alunos os exercícios que levam para casa e os corrige sempre;
5- Considera como causa do mal rendimento dos alunos, a falta de merenda escolar.

Sujeito número 26

1- É professora porque esse é o único meio que tem para continuar aprendendo um pouco mais; para isto trocou o outro emprego pelo de professora;
2- Ser professora é um cargo que dá destaque na comunidade;
3- Organiza todos os planos de aula da semana de acordo com planejamento do O.M.E. e às vezes acrescenta algo ao conteúdo;
4- Considera como dificuldade maior, lidar com a indisciplina dos alunos, às vezes, usa como "castigo", dar uma tarefa para o aluno fazer.

Sujeito número 27

1-Ser professora para ela é uma atividade que já faz como hábito, sem maiores problemas;

2- Orgulha-se de ter encaminhado um aluno para atividade de magistério;

3- Afirma que o salário que recebe serve para melhorar um pouco a sua vida;

4- Elabora seu plano de aula de acordo com apostilas do O.M.E.

5- Atende a vontade dos alunos quanto à tarefa escolar: eles preferem fazer exercício em sala de aula a levarem para casa;

6- Na sua opinião, a maioria dos alunos não aprendem;

7- Acredita na presença de uma diretora na escola para pelo menos terem festas comemorativas dos feriados;

8- Na sua opinião, a falta de material na escola é da responsabilidade dos professores que não o solicitam ao O.M.E.;

Sujeito número 28

1- A professora considera difícil sua atividade, mas admite que a prática a faz aprender o ofício;

2- Para ela, ser professora é ter oportunidade de adquirir mais conhecimentos;

3- Faz toda sua rotina de trabalho de acordo com planejamento do O.M.E.;

4- Na sua opinião, o que dificulta seu trabalho é a frequência irregular dos alunos devido às colheitas;

5- A falta de melhores condições materiais para trabalhar dignamente, leva o professor a realizar sua tarefa apenas por vontade de ensinar.

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

Sujeito número 29

1- Diz que é professora por vocação;

2- Discorda da prática do O.M.E em oferecer tudo pronto ao leigo, prefere que o planejamento seja mais participativo ao invés de já vir tudo pronto; acredita que os professores poderiam contribuir com opiniões e experiências na elaboração deste material;

3- Considera a escola uma forma de enriquecimento da comunidade; lamenta que seja tão desprovida de material.

Sujeito número 30

1- Gosta de ser professor embora admita que seja uma profissão para mulher;

2- Tem muitas dificuldades para dar aulas, mesmo com todo apoio do O.M.E. e admite que todo esse esforço pelo menos lhe proporciona aumento de conhecimentos;

3- Na sua opinião, as dificuldades a enfrentar são inúmeras, mas a falta do prédio próprio onde possa dar aulas, é a principal;

4- Tem dificuldades para trabalhar em turmas multisseriadas; os alunos são muito desinteressados.

Sujeito número 31

1- Aceitou a condição de fazer da sua casa, a escolinha do lugar, porque não consegue deixar as crianças sem estudo;

2- Está certa que mesmo com muitas dificuldades, não deixará de dar aulas em sua casa;

3- Faz todo seu planejamento didático de acordo com planejamento que recebe do O.M.E.

4- Constatou que pelo fato da escola ser na sua casa, não é valorizada pela comunidade, pois nem todas as crianças da comunidade frequentam a escola;

5- Acredita que para melhorar um pouco seu trabalho, só estudando mais para ter mais o que transmitir.

Sujeito número 32

1- Passou a gostar de ser professora porque viu que jamais arranjaria outro emprego;

2- Acha que contribui para melhoria da comunidade;

3- Elabora sua rotina de trabalho, de acordo com planejamento que recebe do O.M.E.

Sujeito número 33

1- Não gosta de ser professora porque acha que não tem condições de ensinar, principalmente em turma multisseriada;

2- Aceitou o cargo por indicação política;

3- Consegue dar aulas por causa da ajuda do O.M.E.

4- Acha que se o salário fosse um pouco mais alto, compensaria tanto esforço.

Sujeito número 34

1- Não gosta de ser a professora porque esta foi uma atividade imposta pelo seu pai por motivos políticos;

2- Tem muita dificuldade para dar aulas, não consegue trabalhar nem mesmo com o auxílio do O.M.E.

3- Na escola sob sua responsabilidade, é grande o número de evasão e os que ficaram certamente serão reprovados;

4- Reconhece que essa incapacidade para o cargo, dá-se pela falta de preparo,haja visto ter sido aluna de uma escola também rural e ela não acredita no ensino nessas escolas.

Sujeito número 35

1- É professora por indicação política e acha que só permanecerá no cargo enquanto isto convier para os políticos locais;

2- Elabora todas as suas atividades escolares baseada no planejamento do O.M.E.

3- Reduz todas as tarefas escolares para serem realizadas na escola mesmo porque sabe que não adianta levarem para casa.

Sujeito número 36

1- A professora não sabe lidar com a indisciplina dos alunso e isto causa-lhe problemas de relacionamento com os pais dos alunos;

2- afirma que só este problema atrapalha seu trabalho;

3- Na sua opinião, o O.M.E. faz um bom trabalho de acompanhamento de sua tarefa de ensinar.

Sujeito número 37

1- A professora diz ter muitas dificuldades e que suporta o trabalho pelo fato de ter que ganhar dinheiro para o sustento da família;

2- Faz todo seu planejamento didático de acordo com orientações que recebe do O.M.E.

3- Na sua opinião os alunos têm dificuldades para aprender e a freqüência irregular é por causa das colheitas;

4- Aponta outras dificuldades: a distância que alguns alunos tem que percorrer a pé até a escola; a falta de merenda escolar tem se mostrado como um problema sério, porque está interferindo na motivação das crianças em virem para a escola.

Sujeito número 38

1- Sempre desejou ser professora,até mesmo preparou-se com aulas particulares para melhorar seu nível de compreensão dos conteúdos a serem dados;

2- Faz seu plano de aula baseado no planejamento educacional do O.M.E., mas está atenta para com os alunos mais adiantados e sempre acrescenta algo no plano de aulas específico para eles;

3- Na sua opinião, os pais não cooperam com seu trabalho porque não valorizam a escola.

Sujeito número 39

1- Diz que é professora por vocação. Sempre esperou pela oportunidade de ser professora. Reconhece suas limitações de leiga e que por isso só poderá ser professora na escola de zona

rural;

2- Gosta muito da função, mas sente-se ameaçada pela situação política partidária do município;

3- Faz tudo conforme vem discriminado pelo O.M.E.

4- Na sua opinião, a freqüência escolar não é levada a sério e isto vem prejudicando seu trabalho;

5- Para melhorar seu trabalho, acredita que só mais treinamento para os leigos.

Sujeito número 40

1- É professora porque é a pessoa mais qualificada da localidade; também porque não há outra opção de emprego para mulher;

2- As aulas são planejadas de acordo com orientações do O.M.E.;

3- Acha que o gratificante do trabalho é as crianças aprenderem;

4- Sua grande dificuldade é trabalhar com repetentes na primeira série.

Sujeito número 41

1- É professora porque a comunidade precisa;

2- Não tem dificuldades com a tarefa educativa porque conta com a ajuda do pessoal do O.M.E.;

3- Na sua opinião, seu trabalho só é reconhecido pelas pessoas mais esclarecidas da comunidade;

4- Acha que os pais não educam seus filhos e por isso são indisciplinados na escola;

5- Para melhorar seu trabalho, disse que é preciso mais

treinamentos para os leigos.

Sujeito número 42

1- É professora porque precisa da ocupação e do dinheiro para ajudar na renda da família; não gosta de ser professora;
2- Está pensando em deixar o magistério porque tem muitas dificuldades para dar aulas;
3- Faz todo seu plano de atividades de sala de aulas, segundo as orientações do O.M.E.;
4- Sente muitas dificuldades para planejar suas aulas e desmotiva-se com o desinteresse dos alunos;
5- Afirma que a comunidade não a aceita como professora.

Sujeito número 43

1- É professora porque gosta de participar da preparação das crianças ensinando-as; admite ter aceito o emprego por causa do salário;
2- Planeja suas atividades baseando-se no planejamento do O.M.E.;
3- Sua dificuldade maior é a falta de condição material para dar aulas, especialmente para o primeiro ano, que sua opinião precisa de mais atenção do professor.

Sujeito número 44

1- Disse que é professora porque gosta de crianças;
2- Na sua opinião é difícil ser professora na zona rural porque lá as crianças não têm obrigação de frequentar a escola;

3- Acha que os alunos são desinteressados porque quando vão para a aula, já estão cansados do trabalho agrícola;
4- Os pais dos alunos são responsáveis, em parte, por esta situação, pois não valorizam a escola e tão pouco ajudam a professora.

Sujeito número 45

1- É professora porque precisa do salário para sobreviver;
2- Vê seu emprego como cargo de confiança dos políticos;
3- Tem dificuldade em elaborar seu plano de aula, mesmo com a ajuda do planejamento do O.M.E. e acredita que esta situação melhoraria se na escola tivesse uma diretora que a auxiliasse nesta tarefa.

Sujeito número 46

1- É professora substituta;
2- Preocupa-se com o fato de não ter capacidade de transmitir bem os conteúdos;
3- Na sua opinião, o apoio do O.M.E. é impotante para melhorar seu trabalho;
4- Afirma que apesar das dificuldades, o trabalho tem suas compensações, pois orgulha-se de ter ensinado a alguém que hoje continua os estudos na cidade;
5- Relaciona-se com dificuldade com os pais dos alunos, estes não cooperam com seu trabalho;
6- Acredita que para melhorar seu trabalho só mesmo havendo algo de motivador na escola, como material escolar novo;

7- Os alunos faltam muito.

Sujeito número 47

1- É professora substituta e não pretende continuar no emprego; disse que é uma ocupação apenas, sem maiores aspirações;
2- Orienta-se no planejamento do O.M.E. para elaborar sua aula;
3- Sua grande dificuldade é dar aulas para crianças de níveis diferentes de compreensão, pois não sabe o que fazer para ensinar a todos numa só turma;
4- Para melhoarar esta situação sujere que as turmas sejam divididas.

Sujeito número 48

1- Aceitou o cargo de professora porque acha que esta é uma ocupação que lhe permite estar sempre em contato com o conhecimento; e também precisava deste salário;
2- Faz todo seu planejamento de acordo com orientações do O.M.E.;
3- Na sua opinião, a falta de carteiras na escola gera indisciplina e dificulta o seu trabalho.

Sujeito número 49

1- Sempre quis ser professora e acha importante ensinar aquilo que sabe às crianças;
2- Faz todo seu plano de aulas baseado nas orientações do O.M.E.;
3- Fica contente quando constata o aproveitamento dos alunos nas notas das provas;
4- Acha que alguns alunos são desinteressados;

5- Na sua opinião, a condição em que tem que dar aulas impede que ela aborde outros assuntos na sala de aula, como por exemplo, noções de higiene.

Sujeito número 50

1- Considera o cargo de professora importante porque a faz relacionar-se bem com os líderes políticos da comunidade;
2- Aceitou ser professora pelo emprego e também pela condição de ser a única pessoa disponível no povoado com um pouco mais de escolaridade;
3- O seu planejamento educacional é todo vindo do O.M.E. e faz dia-a-dia o que já vem determinado pelo órgão;
4- Importa-se com o reconhecimento dos pais a respeito do seu trabalho, pois disso depende manter-se no cargo;
5- Considera como dificuldade, o fato de ganhar pouco e não saber lidar com a indisciplina dos alunos.

3.3. ANÁLISE NOMOTÉTICA

Esse momento da análise possibilitou o agrupamento daquelas idéias indi˜iduais levantadas pela análise ideográfica, em categorias que surgiraç a partir das convergências e divergêvcias e que agora mostram-se em seus aspectos mais generadizados, contextualizados no âmbito do fenômeno interrogado.

A tabela que se segue permite visualizar melhor as categorias das Unidades de Significado e as respectivas descrições das quais elas emergiram:

TABELA I

AS CATEGORIAS E NÚMERO DAS DESCRIÇÕES NAS QUAIS EMERGIRAM

CATEGORIAS DAS UNIDADES DE SIGNIFICADO	NÚMERO DAS DESCRIÇÕES
1.Motivação para o magistério	6-7-10-14-23-29-30-38-39-43-44-49
2.Descontentamento com o trabalho	1-4-5-6-8-11-15-16-19-21-24-25-33-39-37-40-41-42- 45
3.Motivos pelos quais aceitou ser professor	1-2-3-4-5-6-7-9-12-15-17-18- 19-20-21-22-25-37-40-41-42-45-48-50
4.Dificuldades com os alunos	1-2-3-4-5-6-8-13-14-16-17-18-20-21-23-24-26-28-30-36-37-39-40-42-43-44-46-47-49-50
5.Relacionamento com os pais dos alunos zzzz	7-11-13-13-14-19-22-23-36-38-41-44-46
6.Dificuldades para exercer o magistério	5-11-12-15-16-17-19-25-30-33-39-42- 46-47
7.Perspectiva de melhoria do trabalho docente	1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11-12-15-16-19-20-22-24-31-39-41-47-50

UNIDADES DE SIGNIFICADO POR CATEGORIA

1. CATEGORIA: MOTIVAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO

Suj. 06 - Gosta de ser professor porque gosta muito de crianças e tem vontade de ensinar-lhes o pouco que sabe;

Suj. 07 - O fato de ajudar as crianças da comunidade através do seu trabalho é muito importante para ela;

Suj. 10 - Ser professor lhe proporciona estar sempre em contato com o conhecimento, aumenta o saber, por isto gosta de ser professor;

Suj. 14 - O fato de gostar muito de crianças, facilita seu trabalho, assim passou a gostar do seu trabalho;

Suj. 23 - Gosta muito do que faz, pois continua a profissão do seu pai;

Suj. 29 - Acha que tem vocação para ser professora;

Suj. 30 - Gosta de ser professor, embora admita que esta é uma profissão para mulher;

Suj. 38 - Sempre desejou ser professora, até mesmo preparou-se com aulas particulares para melhorar seu nível de compreensão dos conteúdos a serem dados;

Suj. 39 - É professora por vocação. Sempre esperou pela oportunidade de ser professora. Reconhece suas limitações de leiga e, devido a isto , admite que só poderá lecionar na escola rural;

Suj. 43 - É professora porque gosta de participar do desenvolvimento das crianças, ensinando-as;

Suj. 44 - É professora porque gosta de crianças;

Suj. 49 - É profesora porque sempre quis ser professora e acha importante ensinar aquilo que sabe às crianças.

SÍNTESE DA CATEGORIA "MOTIVAÇÃO PARA O MAGISTÉRIO"

Nesta categoria de Unidades de Significado , há uma convergência nas descrições analisadas, que mostram o sentimento de afeto dos sujeitos pelas crianças com as quais trabalham. Afeto este que transparece na preocupação que têm em ensinar aos seus alunos aquele pouco saber que dominam (o ler e o escrever). Transparece, também, na afirmação direta que expressa o "gostar de crianças", tanto quanto na atitude de proteção por parte dos profesores que, com esta postura acreditam estar participando do bom encaminhamento destas crianças para a vida futura.

Alguns sujeitos referem-se ao termo vocação, para expressarem seu gosto por aquilo que fazem, pois acreditam na aptidão que possuem para executarem a tarefa educativa. O fato desta atividade profissional estar relacionada com a necessidade de aquisição de novos conhecimentos também se mostra como atrativo para alguns sujeitos que querem, através do seu trabalho, adquirirem mais conhecimentos.

2. CATEGORIA: DESCONTENTAMENTO COM O TRABALHO

Suj. 01 - É professora não porque gosta , mas porque sente necessidade de trabalhar com as crianças do lugar onde mora, sensibiliza-se e deseja fazer algo por elas;

Suj. 08 - Assumiu o cargo por absoluta falta de alguém que tivesse mais qualificação e ficasse responsável por esta tarefa, diz que deixará o cargo logo que aparecer outro emprego;

Suj. 11 - Ser a professora do lugar, foi uma oportunidade de emprego que não poderia perder, embora com o salário baixo; afirma que deixará este emprego assim que surja outra oportunidade de emprego;

Suj. 15 - Não gosta de ser professora, aceitou o trabalho porque era a única opção de emprego para mulher no lugar onde ela mora, pretende mudar de emprego e tentar trabalhar mais perto de casa;

Suj. 16 - Não gosta de ser professora, mas admite que esta atividade lhe proporciona aquisição de conhecimentos. Apesar de não gostar do que faz, preocupa-se com a situação educacional do povoado, pois é a única pessoa mais capacitada para o cargo;

Suj. 19 - É professora porque não teve outra oportunidade de trabalho e tentará mudar de emprego tão logo surja outra oportunidade;

Suj. 24 - Não gosta de ser professora porque tem muito trabalho e ganha pouco, porém precisa deste dinheiro para ajudar no sustento da família;

Suj. 33 - Não gosta de ser professora porque acha que não tem condições de ensinar, principalmente em turmas multisseriadas;

Suj. 34 - Não gosta de ser professora porque esta é uma atividade imposta pelo seu pai, por motivos políticos;

Suj. 37 - A professora diz ter muitas dificuldades e que suporta o trabalho pelo fato de ter que ganhar dinheiro para sustentar a família;

Suj. 42 - É professora porque precisa da ocupação e do dinheiro para ajudar na renda da família. Não gosta de ser professora;

Suj. 45 - É professora porque precisa do salário para sobreviver. Vê seu emprego como cargo de confiança dos políticos locais;

Suj. 47 - É professora porque teve que substituir outra professora, mas não continuará no cargo.

SÍNTESE DA CATEGORIA "DESCONTENTAMENTO COM O TRABALHO"

Há uma convergência nessas unidades quanto à necessidade de emprego, de aproveitar a oportunidade de trabalho que é dada em geral para mulheres na zona rural, visto que é muito difícil surgir empregos, principalmente ligados ao Serviço Público Municipal.

Para alguns sujeitos, não há outra opção, senão de aceitar o cargo de professor do povoado, pelo fato de inexistir outra pessoa com mais escolaridade e que tenha a mínima condição de ser o responsável pela transmissão do saber naquele povoado.

Percebemos que alguns sujeitos aproveitam a oportunidade de emprego, mesmo sem nenhum preparo para a função, pela necessidade de aumentar a renda da família. Em algumas descrições ficou visível o descontentamento do sujeito em ter que ocupar o cargo de professor, apesar do seu despreparo profissional.

Por outro lado, vemos também, o professor que assume o

cargo à frente do trabalho educativo, não por necessidade financeira, mas por mostrarem-se preocupados com a situação educacioanl do povoado. Estes sujeitos declararam não gostar de ser professor, mas diante das contingências inerentes ao meio rural, têm que fazer algo para suprir um pouco a grande carência de pessoal qualificado, então, incumbem-se da tarefa educativa.

O descontentamento com a atividade que exercem é, em geral, estabelecida a partir da falta de opção de emprego; dessa forma, os sujeitos mostram-se sempre com a expectativa de mudança de emprego e justificam este fato, principalmente, pelo despreparo que sentem para exercer o magistério.

3. CATEGORIA: MOTIVOS PELOS QUAIS ACEITOU SER PROFESSOR

Suj. 01 - Tem sentido de utilidade o serviço que presta à comunidade ao ensinar as crianças a ler e escrever. Pretende continuar nesta tarefa;

Suj. 02 - É professora porque o cargo lhe dá destaque na comunidade. Não havia alguém com mais escolaridade no lugar. Além do fato de poder ganhar seu próprio salário;

Suj. 03 - Aceitou a função de ser professora como maneira de melhorar seus estudos;

Suj. 04 - Aceitou ser professora porque não tem outro emprego e precisa ganhar dinheiro;

Suj. 05 - É professora porque precisa do emprego;

Suj. 06 - Assumiu esta responsabilidade pelo dinheiro que

ganharia a mais;

Suj. 07 - Ao aceitar a tarefa de ser professora, fez uma opção de ajudar aos pobres;

Suj. 09 - Aceitou o cargo porque no local onde mora não havia mais ninguém com condições para dar aulas;

Suj. 12 - Aceitou trabalhar pelo dinheiro, mas sabe que a comunidade também precisa do seu trabalho como professora;

Suj. 15 - Aceitou este trabalho porque era a única opção de emprego para mulher e precisava ajudar no sustento da família;

Suj. 17 - Aceitou o cargo por exigência política, aliada ao fato de ganhar seu próprio dinheiro;

Suj. 18 - Tem prazer em ensinar o que sabe;

Suj. 19 - Aceitou o trabalho pelo salário;

Suj. 20 - Mesmo com muitas dificuldades, deverá permanecer no emprego porque não há outro;

Suj. 21 - É professora porque é o único emprego para mulher na zona rural;

Suj. 22 - É professora porque acha importante ensinar a outros, que não sabem, aquilo que é necessário saber;

Suj. 25 - É professora porque não tem outra opção de emprego;

Suj. 37 - Suporta o trabalho pelo fato de ter que ganhar dinheiro;

Suj. 40 - É professora porque é a pessoa mais qualificada da comunidade; também porque não há outra opção de emprego para mulher;

Suj. 41 - É professora porque a comunidade precisa do seu trabalho;

Suj. 42 - Aceitou ser professora porque precisa do emprego e do

dinheiro para ajudar na renda da família;

Suj. 45 - É professora, precisa do salário para sobreviver, e vê seu emprego como cargo de confiança dos políticos;

Suj. 48 - É professora porque é uma ocupação que lhe permite estar em contato com o conhecimento. Aceitou a função porque precisava do emprego;

Suj. 50 - Aceitou ser professora por causa do emprego e também por condição de ser a única pessoa disponível no povoado com um pouco mais de escolaridade.

SÍNTESE DA CATEGORIA "MOTIVOS PELOS QUAIS ACEITOU SER PROFESSOR"

As unidades de significados contidas nessa categoria, convergem na sua maioria, para a preocupação com o vínculo empregatício. Os sujeitos demonstram essa valorização pelo emprego, diante da grande dificuldade quanto à oferta de trabalho no nordeste brasileiro, notadamente na zona rural. Em quase todas as descrições, permeia a valorização do cargo de professor enquanto fonte de renda para o auxílio no sustento da família.

Alguns sujeitos portam-se como prestadores de um serviço com sentido de utilidade à comunidade, posto que são as únicas pessoas que possuem um grau de escolaridade que lhes permite, diante das circunstâncias, ser o professor da escola pública municipal.

4. CATEGORIA: DIFICULDADES COM OS ALUNOS

Suj. 01 - A maior dificuldade é a frequência irregular dos alunos;

Suj. 02 - Para ela, os alunos têm muita dificuldade para aprender ;

Suj. 03 - Como dificuldade no exercício de sua tarefa, aponta a frequência irregular dos alunos e o desinteresse dos mesmos;

Suj. 04 - Não sabe o que fazer para melhorar o interesse dos alunos;

Suj. 05 - Encontra muitas dificuldades para lidar com o desinteresse dos alunos;

Suj. 06 - Na sua opinião, as crianças têm dificuldades para aprender e, às vêzes, deixam a escola porque não conseguem aprender;

Suj. 08 - Encontra muita dificuldade com o desnível das crianças. Outra dificuldade é com os repetentes, na sua opinião, estes não deveriam estar juntos com os outros;

Suj. 13 - Considera que os alunos têm pouco desenvolvimento cognitivo;

Suj. 14 - Há muito desinteresse por parte dos alunos, embora sempre faça tentativas para prender a atenção dos mesmos;

Suj. 16 - Na sua opinião, os alunos têm dificuldades para aprender o que lhes é explicado;

Suj. 17 - Acha que as crianças não aprendem porque ela não sabe ensinar;

Suj. 18 - Reconhece a dificuldade em alfabetizar crianças juntamente com outras crianças mais adiantadas;

Suj. 19 - É grande o desinteresse dos alunos nas aulas. A merenda escolar é o atrativo para a escola;

Suj. 20 - Aponta como dificuldade, a frequência irregular dos alunos e a falta de material de apoio para criar novas atividades didáticas;

Suj. 21 - Os alunos são muitos desinteressados, isso lhe tira a motivação para trabalhar. Alguns alunos vêm para a escola, mais por causa da merenda escolar;

Suj. 22 - Os alunos faltam muito porque precisam trabalhar na roça, isso dificulta o trabalho docente;

Suj. 23 - É difícil lidar com o desinteresse dos alunos. Para manter a disciplina em sala de aula, é a favor da aplicação de punições;

Suj. 24 - As crianças não estudam e os pais não cooperam sequer com a tarefa que eles levam para casa;

Suj. 26 - Como dificuldade maior, acha que é difícil lidar com a indisciplina dos alunos, às vêzes, usa como castigo uma tarefa para o aluno fazer;

Suj. 27 - Na sua opinião, os alunos não aprendem;

Suj. 28 - O que dificulta o seu trabalho é a frequência irregular dos alunos, devido as atividades de plantação e colheita;

Suj. 30 - Tem muita dificuldade em trabalhar com turma multisseriada. Além disso, os alunos faltam muito;

Suj. 36 - A professora diz que não sabe lidar com a indisciplina dos alunos e isto causa-lhe problema de relacionamento com os pais;

Suj. 37 - Na sua opinião, os alunos têm dificuldades para aprender. Por outro lado, a frequência irregular, por causa das atividades agrícolas, compromete ainda mais a aprendizagem;

Suj. 39 - Na sua opinião, a frequência não é levada a sério pelos alunos e isso vem prejudicando seu trabalho;

Suj. 40 - Sua grande dificuldade é lidar com alunos repetentes de primeira série;

Suj. 41 - A professora acha que os pais não educam seus filhos e que por isso são indisciplinados na escola;

Suj. 42 - Sente muitas dificuldades, principalmente com o desinteresse dos alunos;

Suj. 43 - Ressente-se com a falta de material para dar aulas, especialmente para o primeiro ano, que na sua opinião, precisa de mais atenção do professor;

Suj. 44 - Acha que os alunos são desinteressados porque quando vão para a aula, estão cansados do trabalho agrícola;

Suj. 46 - Os alunos faltam muito;

Suj. 47 - Sua grande dificuldade é dar aulas para crianças de níveis diferentes de compreensão, não sabe o que fazer para ensinar a todos numa só turma;

Suj. 48 - Na sua opinião, a falta de carteiras na escola, gera indisciplina e dificulta seu trabalho;

Suj. 49 - Alguns alunos são desinteressados;

Suj. 50 - Considera como dificuldade maior,não saber lidar com a indisciplina dos alunos.

SÍNTESE DA CATEGORIA "DIFICULDADES COM OS ALUNOS"

Enquanto dificuldade concreta no trabalho de professor, os sujeitos, em suas colocações, foram convergentes quanto a um problema quase comum a todos: o desinteresse dos alunos, e a

dificuldade destes para aprender.Interessante observar também que permeando esta denúncia, alguns sujeitos colocam-se, enquanto leigos, como causa imediata desse fracasso escolar dos seus alunos.

A frequência irregular, também apontada pelos sujeitos como acontecimento constante nas escolas rurais, é vista como situação de obstáculo para que haja melhor rendimento do trabalho docente. Esta dificuldade é real, posto que, os alunos têm obrigações com suas famílias no trabalho agrícola e esse parece ser prioritário em detrimento das atividades escolares.

As unidades de significados revelam ainda que a indisciplina dos alunos é outro fator gerador de dificuldades para o professor leigo.

5. CATEGORIA: RELACIONAMENTO COM OS PAIS DOS ALUNOS

Suj. 07 - O prejudicial ao seu trabalho é a atitude dos pais ao tirarem seus filhos da escola para trabalhar na roça;

Suj. 11 - Na sua opinião, os pais não valorizam a escola rural e não levam a sério a questão da frequência escolar e isto tem prejudicado seu trabalho;

Suj. 13 - Uma grande dificuldade é não contar com a participação dos pais na vida escolar dos seus filhos; desanima-se com isso porque sabe que não conseguirá melhorar essa participação, pois a maioriadeles é analfabeta e sequer auxilia nas tarefas de casa dos seus filhos;

Suj. 14 - Para essa professora, os pais não cooperam com a educação dos seus filhos e acham que essa é uma tarefa só da escola;

Suj. 19 - Os pais não colaboram com trabalho da professora;

Suj. 22 - Acha que o órgão Municipal de Educação deve procurar os pais para dizer-lhes da importância da escola;

Suj. 23 - Algumas famílias não cooperam com a educação escolar dos seus filhos;

Suj. 36 - A professora não sabe lidar com a indisciplina dos alunos e isso causa-lhe problemas de relacionamento com os pais;

Suj. 38 - Na sua opinião, os pais não cooperam com seu trabalho porque não valorizam a escola;

Suj. 41 - Acredita que os pais não educam seus filhos e que por esta razão, os alunos são indisciplinados na escola;

Suj. 44 - Para essa professora, a atitude dos pais tem muito a ver com a situação educacional dos seus filhos, se estes são desinteressados é porque os pais não valorizam a escola;

Suj. 46 - Não se relaciona bem com os pais, porque eles não cooperam com o seu trabalho de professor.

SÍNTESE DA CATEGORIA "RELACIONAMENTO COM OS PAIS"

Há uma convergência nesta categoria quanto à necessidade que os sujeitos demonstram sentir em relação à participação dos pais na vida escolar dos seus filhos. As descrições revelam que a escola rural parece ter um valor relativo para as famílias dos alunos. Corroborando as afirmações da categoria "Dificuldades com

os Alunos", podemos estabelecer nessa categoria, uma relação daquelas dificuldades com estas,a partir do que é percebido pelos sujeitos como dificuldades que encontram no seu trabalho, pelo fato das famílias dos alunos manterem-se alheias ao trabalho educativo, atitude essa que muito compromete o sucesso do trabalho docente.

É interessante observar que alguns sujeitos reportam-se ao desinteresse dos alunos pelas aulas, como consequência da desvalorização que os pais demonstram ter pela escola.

6. CATEGORIA: DIFICULDADES PARA EXERCER O MAGISTÉRIO

Suj. 05 - A professora afirma que sem a ajuda das apostilas do Órgão Municipal de Educação não conseguiria dar aulas;

Suj. 11 - A professora diz utilizar-se do livro do Logos II para esclarecer o planejamento que vem do órgão Municipal de Educação, pois sente muitas dificuldades para dar aulas;

Suj. 12 - Sua maior dificuldades é quanto ao local das aulas. Ter que dar aulas na sua própria casa, sem nenhuma condição didática e tendo, inclusive, que preparar a merenda escolar. Tem sido muito difícil dar aulas assim;

Suj. 15 - Acredita que para melhorar seu trabalho, só mesmo adquirindo mais capacitação para dar aulas, pois sente muitas dificuldades para exercer a função de professora;

Suj. 16 - No início de suas atividades ecolares como professora, sentiu que não teria condições de dar aulas por absoluta falta de

preparo, depois veio a ajuda do Órgão Municipal de Educação e facilitou um pouco;

Suj. 17 - Gostaria de trabalhar numa atividade que não exigisse tanto esforço intelectual;

Suj. 19 - Reconhece que a grande dificuldade que sente para dar aulas é devido ao fato de não ser formada;

Suj. 25 - Teve dificuldades no começo por não sentir-se apta para exercer a função de professora, agora já consegue trabalhar com um pouco mais de tranquilidade;

Suj. 30 - Tem muitas dificuldades para dar aulas, mesmo com todo apoio do Órgão Municipal de Educação;

Suj. 33 - Só consegue dar aulas por causa da ajuda do O.M.E., caso contrário, não conseguiria;

Suj. 34 - Tem muitas dificuldades para dar aulas, não consegue trabalhar nem mesmo com o auxílio do pessoal do O.M.E.;

Suj. 42 - Sente muitas dificuldades para planejar suas aulas e desmotiva-se por causa do desinteresse dos alunos;

Suj. 45 - Tem dificuldades em elaborar seus planos de aulas mesmo com o auxílio do Órgão Municipal de Educação e acredita que melhoraria essa situação se, na escola, tivesse uma diretora que a auxiliasse nessa tarefa;

Suj. 46 - Preocupa-se com fato de não ter capacidade para transmitir bem os conteúdos;

Suj. 47 - Sua grande dificuldade é dar aulas para crianças de níveis diferentes de compreensão, pois não sabe o que fazer para ensinar a todos numa só turma.

SÍNTESE DA CATEGORIA "DIFICULDADES PARA EXERCER O MAGISTÉRIO"

Apesar das unidades de significado emergidas das descrições dos sujeitos enfocarem dificuldades quanto à atividade de dar aulas, não há nos discursos dos mesmos algum significado cuja repetitividade ensejasse uma interpretação mais evidenciadora daquilo que se configurasse, de fato, no maior entrave para se lecionar. No entanto, as colocações sobre as diversas formas de dificuldades encontradas são abordadas em cada descrição de acordo com a vivência de cada professor.

Alguns sujeitos reportam-se a certos aspectos como o auxílio que recebem do Órgão Municipal de Educação para planejarem suas atividades didáticas ou mesmo a necessidade de aquisição de mais conhecimentos, para mostrarem como essa dificuldade é experienciada por eles.

Ao que tudo indica, a maioria das unidades convergiram para apontar, de uma maneira ou de outra, que a fraca formação escolar ou até mesmo a falta de recursos, quer didáticos ou bibliográficos, leva esses professores a uma dependência do Órgão Municipal de Educação como fonte de orientação e fornecimento de conteúdos programáticos. Consequentemente, tal dependência leva a uma falta de iniciativa para inovar ou incrementar o próprio ato de dar aulas.

7. CATEGORIA: PESPECTIVAS DE MELHORIA DO TRABALHO DOCENTE

Suj. 01 - Na sua opinião, para melhorar a frequência dos alunos é

importante serem feitas reuniões com os pais;

Suj. 02 - Acredita na presença de um inspetor para disciplinar os alunos;

Suj. 03 - A professora não encontra pespectivas para melhorar seu trabalho;

Suj. 04 - Não acredita em melhorias para o seu trabalho;

Suj. 05 - Como solução acha que o O.M.E., deveria fazer reuniões com os pais para lhes falar da importância da escola para seus filhos;

Suj. 06 - Para melhorar seu trabalho, diz que lhe falta material escolar de apoio, bem como a merenda escolar;

Suj. 07 - Para melhorar seu trabalho, aponta como solução a ajuda que o O.M.E. poderia lhe dar, realizando reuniões com os pais no sentido de eles valorizarem mais a escola;

Suj. 08 - Deveria ser contratada outra professora para dividir as turmas, deixando juntos os repetentes e separando-os dos demais alunos;

Suj. 09 - Acha que só melhorará seu trabalho se adquirir mais conhecimentos e sentir menos dificuldades para dar aulas;

Suj. 10 - Considera que seu trabalho poderia melhorar, se não faltassem materiais de apoio, tais como carteiras, mesas, etc.;

Suj. 11 -Não acredita na pespectiva de melhorar a escola rural, pois isso implica em acreditar nos políticos locais, entretanto, sabe que é difícil contar com eles;

Suj. 12 - Como melhoria imediata para seu trabalho, espera que seja construída uma sala de aula ao lado de sua casa, onde possa dar as aulas que, atualmente, são dadas em sua própria casa;

Suj. 15 - Para melhorar seu trabalho, acredita que precisa capacitar-se mais para poder dar aulas;

Suj. 16 - Acredita que para melhorar seu trabalho, precisará de mais estudos de sua parte e mais treinamentos dados pelo O.M.E.;

Suj. 19 - Sujere que O.M.E. faça reuniões com os pais dos alunos, solicitando mais participação destes na vida escolar dos seus filhos;

Suj. 20 - Na sua opinião, deveria haver mais entrosamento entre os professores leigos, para assim discutirem em grupo, tirando dúvidas sobre seu trabalho;

Suj. 22 - O O.M.E. deveria procurar os pais dos alunos para lhes falar da importância da escola;

Suj. 24 - Espera que o prédio da escola seja construído para que possa melhorar seu trabalho;

Suj. 31 - Acredita que para seu trabalho melhorar, terá que estudar mais um pouco a fim de obter maiores conhecimentos a serem transmitidos;

Suj. 39 - Para melhorar seu trabalho, acredita que depende de mais treinamentos para os leigos;

Suj. 41 - Acha que precisa de mais treinamentos para os leigos;

Suj. 47 - Para melhorar a situação educacional do lugar onde mora, acha que as turmas deveriam ser divididas e não multisseriadas;

Suj. 50 - Na sua opinião, precisa de mais acompanhamento por parte do O.M.E. para melhor desempenhar seu trabalho docente.

SÍNTESE DA CATEGORIA "PERSPECTIVAS DE MELHORIA DO TRABALHO DOCENTE"

Por pespectivas de melhoria do trabalho docente, foram considerados aqueles pontos que o professor descreveu como relevantes para promover benefícios em seu trabalho, a partir do que é experienciado por ele no seu cotidiano.

A convergência mais evidente nessa categoria foi quanto a questão da formação profissional do professor. Os sujeitos reportam-se a necessidade de adquirirem uma qualificação mais condizente com a função docente que exercem. Esta posição torna perceptível que os sujeitos não qualificados para a função percebem-se como causa imediata do atual estado em que se encontra a educação que eles praticam.

Outro conjunto de unidades convergem para a necessidade de valorização da escola por parte dos pais dos alunos. Em muitas descrições permeia a preocupação dos professores com a atitude de indiferença dos pais diante da vida escolar de seus filhos; como solução apontam a atuação do O.M.E. junto à comunidade no sentido de procurar conscientizá-los do valor da escola e da educação de seus filhos.

Por outro lado, alguns sujeitos foram enfáticos no pessimismo quanto a pespectivas de melhorar seu trabalho. Estes sujeitos afirmam que não acreditam em soluções imediatas que venham suprir tantas necessidades como: materiais didáticos, melhores salários, mais professores para dividir o trabalho, construção de sala de aulas, etc., pois isso depende dos políticos locais e há muita descrença na ação deles para melhorar a situação vigente.

A ANALISE DO FENOMENO SITUADO: SINTESE CONCLUSIVA

As idéias dos sujeitos contidas nas análises ideográficas e posteriormente agrupadas e sintetizadas pela análise nomotética, passam agora a serem discutidas no que chamamos de afirmação consistente da estrutura do fenômeno, ou síntese das unidades de significado transformadas em proposição.

Destacamos alguns pontos a serem discutidos dentro da descrição geral da estrutura do fenômeno situado,a partir do que nos propusemos a inquerir acerca do professor leigo.

O professor leigo é pouco motivado para exercer o magistério. Foram poucas as descrições nas quais ficou explícito que o exercício da profissão era tido como uma atitude geradora de prazer. O que mostra o fenômeno, são alguns casos de professores que têm uma atitude protecionista, de zelo, pelos alunos ao expressarem que gostam de dar aulas.

O descontentamento com o trabalho docente é uma situação quase comum a todos os sujeitos do estudo. São apontadas inúmeras causas para esse descontentamento, desde a falta de outra opção de emprego, até o sentir-se responsável em ter que assumir o magistério pela falta de pessoal mais qualificado no povoado aonde mora. Tais motivos, ou seja, sentir-se despreparado mas dar aulas por necessidade do salário, ou sentir-se despreparado, sem necessitar do salário, mas dar aulas por não poder furtar-se ao compromisso social diante da situação, revelam o descontentamento pessoal e consequentemente a falta de envolvimento para a tarefa educativa que exercem.

A desmotivação para lecionar é agravada mais ainda pelas dificuldades apontadas pelo leigo como reais obstáculos ao exercício docente, quais sejam : o desinteresse dos alunos; a deficiência na aprendizagem; a frequência irregular; a desvalorização da escola por parte dos pais; a dependência do Órgão Municipal de Educação para planejar suas atividades didáticas e a própria qualificação profissional insuficiente.

O professor mesmo na condição de leigo, percebe que o desinteresse dos alunos ou sua dificuldade para aprender não tem como causa só o aspecto da individulidade do aluno em suas possíveis limitações psicológicas ou mentais relacionadas com o processo da aprendizagem. Implicitamente, o professor não atribui a causa do estado em que se encontra a situação educacional no meio rural, exclusivamente aos alunos. Para eles, esses não são os culpados, mas as vítimas dos vários fatores que atuam no contexto educacional rural.

Os próprios sujeitos, enquanto professores não qualificados formalmente para o magistério, colocam-se como causa do fracasso escolar dos seus alunos, e analisam também outras variáveis que interferem no processo educacioanal como a frequência irregular que, em geral, é atribuída ao fato das atividades agrícolas serem mais importantes para os pais, pois dessas depende a subsistência de toda família.

O estudo é um complemento na vida da criança rural e não uma atividade essencial porque os pais não o valorizam. Os professores ao falarem dessa dificuldade não apontam essa atitude dos pais em relação da importancia da escola, de maneira

descontextualizada. Percebem que a sobrevivência por intermédio de atividades agrícolas se sobrepõe em importância às atividades escolares, mesmo assim, ressentem-se desta desvalorização. Apesar desta desvalorização da escola, enquanto atividade não essencial para a sobrevivência, é sentida por alguns sujeitos a valorização do professor como pessoa prestadora de serviços úteis à comunidade além da tarefa de ensinar.

Ao se colocarem como causa dessa situação, os sujeitos reportam-se a necessidade e importância da existência do Órgão Municipal de Educação para garantir a viabilidade das aulas nas escolas rurais. Êles vêm essa instituição como a responsável pela sobrevivência do ensino no meio rural.

Do O.M.E. dependem para elaborarem suas atividades pedagógicas e a este recorrem para solucionarem qualquer situação, seja de falta de material didático,aos problemas com a merenda escolar. E mesmo solicitam sempre a interferência do Órgão, junto a comunidade, no sentido de motivá-la a participar mais no que se refere às atividades escolares.

Os sujeitos, diante da situação educacional que experienciam, mostraram-se preocupados com a falta de perspectivas para melhorar seu trabalho, principalmente no que se refere aos aspectos apontados nas descrições como os reponsáveis pela precária forma como vem sendo levado a cabo a educação no meio rural, onde vivem.

Os professores, embora descrentes da ação dos políticos locais, afirmam que só com a participação desses, existirá perspectivas para melhorar seu trabalho docente, no que diz respeito a suprir necessidades materias necessárias e urgentes.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor leigo mostrou-se, a partir da análise dos significado nas suas descrições, ser um trabalhador que exerce sua atividade profissional, mesmo diante de muitas adversidades, com honestidade de propósitos.

Ao falar sobre as dificuldades que seus alunos tem de aprender, ele atêm-se a um aspecto da questão real para ele: o ensino. Há uma dificuldade concreta no ato de ensinar e uma consequência, que é a dificuldade para aprender e, daí, todo o fracasso escolar decorrente: má alfabetização, retenção, evasão, etc. que nos apresentam como quadro que caracteriza também a educação rural, assim como a educação urbana.

A análise das descrições aponta alguns aspectos do cotidiano do professor leigo que merecem ser discutidos à luz da práxis educacional existente naquele meio e que constitui para nós, um destaque acerca do que nos propusemos compreender sobre o professor leigo.

O problema com que nos deparamos, enquanto educadores, na busca de soluções para as ações educacionais que se desenvolvem em condições que merecem um atenção especial, poderá encontrar uma viabilidade de resolução se pensarmos em melhorar o atual sitema de trabalho existente em alguns municípios brasileiros assim como em Oeiras. O Órgão Municipal de Educação, conforme já dissemos, é uma instituição responsável pelas

atividades educacionais realizadas no município. Em Oeiras esse Órgão está realizando um bom trabalho no que diz respeito ao auxílio dado ao professor leigo que atua nas escolas do município.

No nosso estudo, os professores leigos manifestaram-se extremamente satisfeitos com esse procedimento do O.M.E. pois desse auxílio, muitas vezes, depende sua atuação em sala de aula.

Constatando tal situação, ficamos convencidos de que a existência desse Órgão é vital para a continuação e sobrevivência da educação que é dada no meio rural. A dificuldade de encontrar um profissional qualificado, que se disponha a morar ou mesmo deslocar-se todo dia para as escolas rurais com a finalidade de dar aulas, é evidente. Sabemos que na população dos povoados rurais, o nível de escolaridade é muito baixo e dificilmente se encontra um sujeito que tenha mais que o primeiro grau completo. Que é inviável para as crianças frequentarem as escolas da sede do município, posto que as crianças da zona rural são mais trabalhadores que estudam do que estudantes que trabalham, precisam ajudar na manutenção da família, no trabalho da roça.

É de se supor que a escola rural, mesmo a despeito de toda adversidade, deve continuar a existir. E nos parece razoável, diante da realidade, utilizarmos os recursos tanto materiais, quanto humanos dos Órgãos Municipais de Educação para viabilizarmos o trabalho do professor leigo.

Se analisarmos as tentativas que já existiram para equacionar o problema da não qualificação de professores da zona rural, especialmente no nordeste brasileiro, como por exemplo, o Projeto Logos II, ou as inúmeras atividades desenvolvidads em

treinamentos através das Secretarias de Educação dos Estados, veremos que foram esforços, na maioria das vezes, em vão. O problema da não qualificação continua, pois o professor que foi considerado "qualificado" por tais tentativas/programas, muitas vezes permanece na mesma condição de leigo diante da sua sala de aula, por não ter às mãos, concretamente, seu conteúdo didático simplificado num plano que o auxilie na tarefa de ensinar. Ele certamente carece de informações mais objetivas quanto ao seu comportamento efetivo diante do conteúdo a ser dado.

Nesse sentido, achamos correta a atitude do O.M.E. de Oeiras, ao tomar medidas coerentes com os recursos que dispõe e mostrar que é possível levar planos didático-pedagógico para as salas de aulas nas mais distantes escolas rurais. Isto torna até mais confiante, o professor que atua sem ter , formalmente, o título exigido para tal função.

Concordando com esta postura, não estamos assumindo a posição de que o leigo deverá continuar leigo, mas de viabilizar da melhor forma possível, a instrução formal nos povoados rurais, a cargo desses professores leigos, enquanto não puderem ser encontradas soluções mais apropriadas ao problema. Trata-se de vislumbrar-se, no cenário da educação rural do semi-árido, alternativas que possam vir ajudar o professor leigo a interferir neste contexto de maneira mais produtiva.

Atualmente, movimentos sociais comunitários, preocupam-se com a questão do analfabetismo, do desemprego, etc., a exemplo deste movimentos, a chamada Educação Popular que hoje se dá no

Brasil, segundo Wanderley (22), é "aquela educação que é produzida pelas classes populares ou para as classes populares em função de seus interesses de classe". Pela definição do autor, percebemos uma ênfase na educação como um todo projeto político de participação da comunidade (inclusive a rural) em defesa de seus interesses maiores. A questão educacioanal propriamente dita, ou seja, seus problemas mais imediatos, como por exemplo a formação do professor que atua no meio rural, principalmente no nordeste, sua prática pedagógica, não aparece como ponto a ser discutido. E, no entanto, esse professor, a propósito do exemplo, continua, na sua maioria,um leigo.

Especificamente no que toca à educação de jovens e adultos, a Fundação Nacioanal para Educação de Jovens e Adultos-EDUCAR- tem definidas suas suas diretrizes politco-pedagógicas no sentido de atuar na área de educação básica, apoiando técnica e financeiramente ações educativas desenvolvidas pelas instituições do Estado ou da sociedade civil. Isso significa a possibilidade de fomentar uma ação numericamente abrangente mas não massificadora, e de incentivar uma proposta educativa plural, pela convivência de modelos pedagógicos diferenciados, de acordo com especificidades da população atendida e, também, das instituições que o desenvolvem.

---

(22) WANDERLEY, L. E. Educação Poular e Processo de Democratização. In A Questão Política da Educação Popular.Org. Carlos R. Brandão. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 62-78.

BIBLIOGRAFIA

01. ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro. IBGE. 1981.

02. BEEBY, C. E. -Educação e Desenvolvimento Econômico. Rio de Janeiro. Zahar, 1978.

03. BETTELHEIM, C. A. - A Problemática do Sub-desenvolvimento Rio de Janeiro. 1976.

04. BORDENAVE, J. D. - O Que é Comunicação Rural. São Paulo. Brasiliense, 1983.

05. ALBUQUERQUE. L."As Comunidades Rurais e a Transmissão do Saber. Texto datilografado. Teresina, 1985.

06. BRANDÃO, C. R. O que é Educação. São Paulo. Brasiliense, 1981.

07. BRASIL MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA, Lei 5.692Á71- Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino de 1o. e 2o. graus. Brasília, 1971.

08. BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Educação para o Meio Rural,Ensino de 1o. grau. Brasília, Departamento de Documentação e Divulgação, 1979.

09. BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. O Desafio Educacional: Brasil 1970 a 1980. Godeardo Baquero. Miguel et alii, Brasília, Secretaria de Ensino de 1o. e 2o. grau, 1983.

10. BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Departamento de Ensino Supletivo - Projeto Logos II. Brasília, 1984.

11. BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. III Plano Setorial de Educação, Cultura e Desportos para 1980-1985. Brasília, 1980. 50 páginas.

12. CALLAZANS,Maria Julieta. Estudo Retrospectivo da Educação Rural no Brasil. Rio de Janeiro, IESAE, 1979.

13. ----------. Caracterização dos Programas de Educação Rural no Brasil. Algumas Experiências das Três Últimas Décadas. Rio de Janeiro.

14. ----------, et alii. Questões e Contradições da Educação Rural no Brasil.In Educação Rural no Terceiro Mundo. Org. J. Werthein e J. Bordenave. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1981, p. 161 - 192.

15. COSTA, Rubens Vaz da. Problemas do Nordeste. Cadernos de Estudos Brasileiros. Rio de Janeiro, (6): 45-42, 1972.

16. FRANÇA, Carlos A. V. A Psicologia com Base Fenomenológica. In: Reflexão. Campinas: Edit. Puccamp, no. 38, ago/87

17. GRYBOWSKI, C. Trabalho Rural e Alternativas Metodológicas em Educação. Rio de Janeiro, FGV/IESAE, 1980.

18. GIORGI, Amadeo. Phenomenology and Psychological Research. Pittsburgh: Dusquene University, 1985.

19. KEEN,Ernest. Introdução à Pesquisa Fenomenológica. Trad. de Heliana de Barros C. Rodrigues. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979, p. 31-32.

20. LEMOS, D. et alii. Habilitação de Professores Leigos em Oriximiná (Pa). In Revista da Faculdade de Educação de Niterói. Rio de Janeiro. 9 (2) julho de 1982, p. 47-60.

21. LOPES, R. M. Socialização e Organização Familiar Rural. Cadernos Cedes, no. 11, São Paulo, Cortez Editora,1984.

22. MALASSIS, L. Ruralidad, Educacion y Desarollo. Buenos Aires, Huenel/UNESCO, 1984.

23. MARIA, H. et alii. Proposta para o Ensino de e de Redação em Escolas Rurais do lo. grau. Cadernos Cedes no. 11. São Paulo, Cortez Editora, 1984.

24. MARTINS, J. A Coleta de Dados na Pesquisa Qualitativa: Uma Compreensao Necessária na Pesquisa do Fenomeno Situado. Mimeo. Curso de Pós-Graduação, UNICAMP, 1988.

25. MARTINS, Joel, e BICUDO, M. A. Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Fundamentos e Recursos Básicos. São Paulo. Moraes, no Prelo.

26. MARTINS, J. S. A Valorização da Escola e do Trabalho no Meio Rural. Revista Debate e Crítica, no. 2. Jan/Jun,1974.

27. MORAIS, G. et alii. Professores Leigos x Habilitados. Resumo da Pesquisa realizada pela Universidade Federal de Sergipe, Aracajú, 1985.

28. PETTY, M. et alii. Uma Alternativa de Educação Rural. In Educação Rural no Terceiro Mundo. Org. J. Werthein e J. Bordenave. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981. p. 31-63

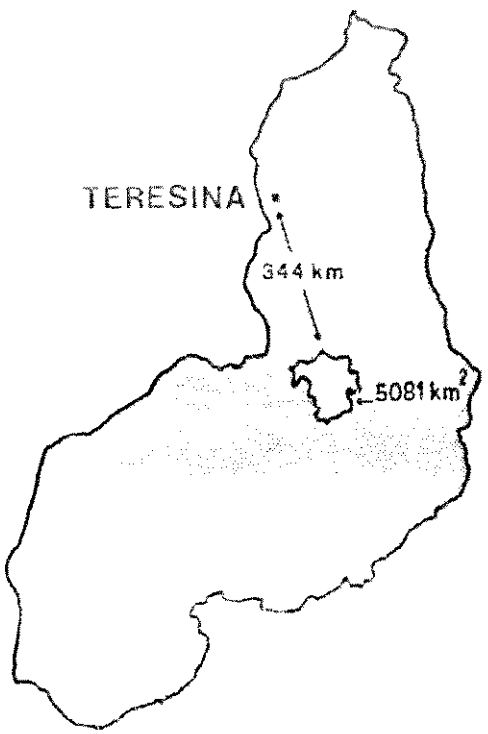
29. Relatório Técnico no. 2 - Acesso e Eficiência na Escola Rural. Avaliação da Educação Rural Básica no Nordeste Brasileiro.

30. RICHARDSON, R. J. Pobreza Rural, Desenvolvimento e Educação. Cadernos de Educação. João Pessoa, no. 06, Agosto, 1981.

31. SARAIVA, H. V. Anais do Seminário sobre Educação Rural. Ijuí (RS), julho de 1982, Brasília, INEP, 1983.

32. WANDERLEY, L. Educação Popular e o Processo de Democratização. In A Questão Política da Educação Popular. Org. Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo, Brasiliense, 1984, p. 62-78.

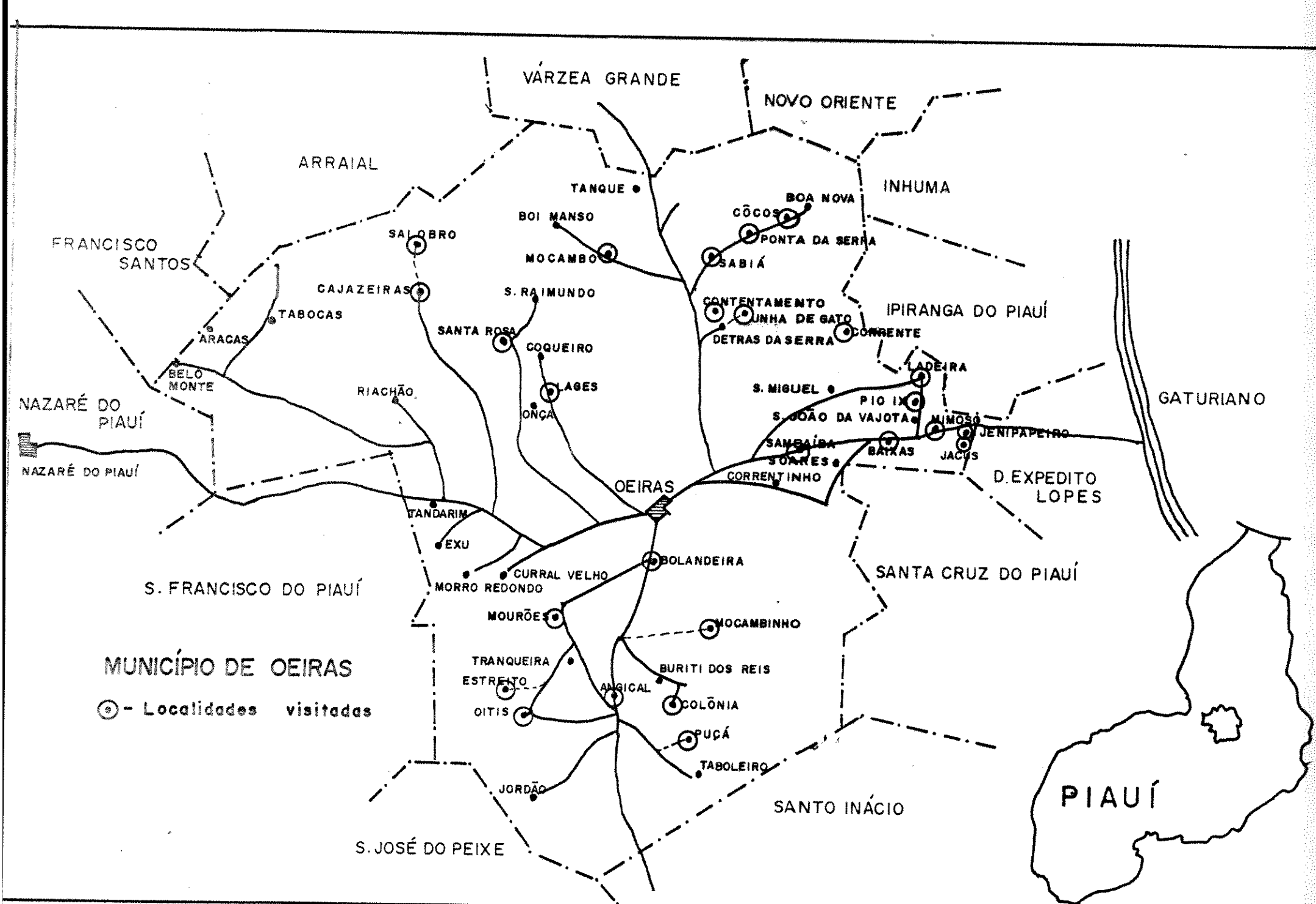
OEIRAS



Dados:

Localização: no interior do estado do Piauí
Área: 5.081 km2
População (1985): 51.259 habitantes
73% — rural
27% — urbana
Densidade demográfica: 9,5 hab. por km2
Clima: Tempo: tropical, quente ou úmido
precipitação pluviomátrica: 857 mm(47% do total das precipitações em fevereiro, março e abril)
Temperatura média: 27,5°
Distância da capital: 344 km

Fonte: FIBGE


VÁRZEA GRANDE
NOVO ORIENTE
ARRAIAL
INHUMA
TANQUE
BOA NOVA
CÔCOS
BOI MANSO
PONTA DA SERRA
SALOBRO
FRANCISCO SANTOS
MOCAMBO
SABIÁ
CAJAZEIRAS
S. RAIMUNDO
CONTENTAMENTO
IPIRANGA DO PIAUÍ
TABOCAS
UNHA DE GATO
SANTA ROSA
CORRENTE
ARACAS
DETRAS DA SERRA
COQUEIRO
LADEIRA
BELO MONTE
S. MIGUEL
LAGES
RIACHÃO
PIO IX
GATURIANO
NAZARÉ DO PIAUÍ
ONÇA
S. JOÃO DA VAJOTA
MIMOSO
JENIPAPEIRO
SAMBAÍBA
BAIXAS
JACUS
NAZARÉ DO PIAUÍ
SOARES
CORRENTINHO
D. EXPEDITO LOPES
OEIRAS
TANDARIM
EXU
BOLANDEIRA
CURRAL VELHO
SANTA CRUZ DO PIAUÍ
S. FRANCISCO DO PIAUÍ
MORRO REDONDO
MOURÕES
MOCAMBINHO
TRANQUEIRA
BURITI DOS REIS
ESTREITO
ANGICAL
COLÔNIA
OITIS
PUÇÁ
TABOLEIRO
JORDÃO
SANTO INÁCIO
PIAUÍ
S. JOSÉ DO PEIXE
MUNICÍPIO DE OEIRAS
⊙ - Localidades visitadas

ANEXO IV - RELAÇÃO DAS ESCOLAS VISITADAS

01- Escola Municipal "Manoel Inácio"
Local: Mourões

02- Escola Municipal de Angical
Local: Angical

03- Escola Municipal "Joaquim Marques"
Local: Estreito

04- Escola Municipal "Inácio V. Sá"
Local: Oitis

05- Escola Municipal de Contentamento
Local: Contentamento

06- Escola Municipal "João Antonio Carvalho"
Local: Ponta da Serra

07- Escola Municipal "Padre David"
Local: Côcos

08- Escola Municipal de Unha de Gato
Local: Unha de Gato

09- Escola Municipal de Corrente
Local: Corrente

10- Escola Municipal "Liberato S. Neto"
Local: Sabiá

11- Escola Municipal "Alano Beleza"
Local: Pio IX

12- Escola Municipal "São Francisco"
Local: Ladeira

13- Escola Municipal "Miguel Lopes"
Local: Mimoso

14- Escola Municipal "Antônio C. Dantas"
Local:Jacús

15- Escola Municipal de Baixas
Local: Baixas

16- Escola Municipal "Pe. João de Deus"
Local: Jenipapeiro

17- Escola Municipal "12 de Outubro"
Local: Bolandeira

18- Escola Municipal "João Santos"
Local: Lages

19- Escola Municipal "Aldemar da S. Carmo"
Local: Cajazeiras

20- Escola Municipal "Elizabete Sá"
Local: Sambaíba

21- Escola Municipal "Marcos Lourenço"
Local:Puçás

22- Escola Municipal de Mocambinho
Local: Mocambinho

23- Escola Municipal "São Pedro"
Local: Mocambo

24- Escola Municipal "José Fernandes"
Local: Salobro

25- Escola Municipal "Elizeu Barroso"
Escola Municipal "D. Expedito Lopes"
Local: Colônia

26- Escola Municipal "Juarez Tapety"
Escola Municipal "Dom Edilberto"
Local: Santa Rosa

****

ERRATA

Página 1 - 3º parágrafo, leia-se: Além dos altos índices de repetência e evasão que há muito ocorrem na primeira série da escola brasileira,...

Página 2 - 2º parágrafo, 2ª linha, leia-se: no caráter elitista

Página 3 - 1º parágrafo, 3ª linha, leia-se: o ensino supletivo se impôs aos poucos como meio necessário à qualificação da mão-de-obra e supressão da carência de pessoal mais ...

Página 3 - 4º parágrafo, 4ª linha, leia-se: foi um marco histórico na velha questão, uma tentativa de elevar o número de pessoas que alcançassem o nível mínimo...

Página 5 - 1º parágrafo, leia-se: A população é subalimentada

Página 6 - 2º parágrafo, 3ª linha, leia-se: das escolas que se vêm deteriorando ...

Página 7 - 2º parágrafo, leia-se: De maneira geral, a forma como se mostra o quadro ...

Página 15 - 4º parágrafo, leia-se: abrangência de toda clientela ...

Página 19 - 2º parágrafo, 3ª linha, leia-se: estarão [illegible] intencionalidades e as essências do sujeito.

Página 20 - 1º parágrafo, 1ª linha, leia-se: Com esse [illegible]ndimento, já estamos realizando ...

Página 32 - 4º parágrafo, 1ª linha, leia-se: A coordenação das atividades educativas do município é subordinada ao prefeito.